



**UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA**

---

**MAICO EDUARDO DIAS DIAS**

**A PEQUENA CIDADE DE ALVORADA DO SUL-PR: UMA  
DISCUSSÃO A PARTIR DO AGRONEGÓCIO E DO LAZER**

---

Londrina  
2014

**MAICO EDUARDO DIAS DIAS**

**A PEQUENA CIDADE DE ALVORADA DO SUL-PR: UMA  
DISCUSSÃO A PARTIR DO AGRONEGÓCIO E DO LAZER**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de  
Geociências do Centro de Ciências Exatas  
da Universidade Estadual de Londrina como  
requisito parcial para a obtenção do título em  
Bacharel em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Tânia Maria Fresca

Londrina-PR, 2014.

**MAICO EDUARDO DIAS DIAS**

**A PEQUENA CIDADE DE ALVORADA DO SUL-PR: UMA  
DISCUSSÃO A PARTIR DO AGRONEGÓCIO E DO LAZER**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de  
Geociências do Centro de Ciências Exatas  
da Universidade Estadual de Londrina como  
requisito parcial para a obtenção do título em  
Bacharel em Geografia.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Tânia Maria Fresca.  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Claudio Roberto Bragueto.  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Léia Aparecida Veiga.

Londrina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda minha família, meu irmão Jeferson; minha mãe Regina de Cassia e meus amigos pelo incentivo e apoio ao longo de minha graduação.

Agradeço minha noiva Flávia Vertuan pelo incentivo, companheirismo, fazendo com que eu sempre mantivesse minha persistência no decorrer da produção deste trabalho.

Agradeço em especial a minha orientadora Professora Dra. Tânia Maria Fresca, por todos os seus ensinamentos, dedicação e paciência, colaborando para que essa monografia fosse concluída.

Ao meu pai João Dias *in memória*, por toda inspiração e exemplos ao longo de sua vida, me deixando preparado o bastante para nunca desistir.

DIAS, Maico Eduardo Dias. **A pequena cidade de Alvorada do Sul-PR: Uma discussão a partir do agronegócio e lazer.** 2014. 75 p. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a dinâmica socioeconômica da cidade de Alvorada do Sul-PR, uma pequena cidade do Norte do Paraná, fazendo uma discussão a partir das atividades do agronegócio e lazer. Procurou entender as relações estabelecidas entre a pequena cidade e o agronegócio, já que o município é produtor de soja; nesta perspectiva verificou-se as atividades que a cidade exerce para atender as demandas da produção agrícola de soja. Buscou-se ainda compreender os loteamentos de chácaras de lazer às margens da Represa Capivara, tendo em vista que os moradores destas segundas residências geraram uma potencialização no comércio varejista e prestação de serviços. Nesse sentido foram utilizados procedimentos operacionais como levantamentos bibliográficos, coleta de dados secundários no IBGE, IPARDES, MTE; assim como levantamentos de campo através de entrevistas junto aos comerciantes, moradores de chácaras de lazer, e representante da Associação Comercial. Dessa forma discorrendo parte do seu processo histórico do município, mostrando as transformações socioespaciais que ocorreram, principalmente com a construção da usina hidrelétrica de Capivara em 1975, a qual proporcionou a criação dos loteamentos de chácaras de lazer. Verificou-se que Alvorada do Sul-PR é um município que desde sua gênese, tem como principal atividade econômica a agropecuária e que a partir de meados da década de 1990, passou a ter as atividades vinculadas a segunda residência, atraindo o público de cidades vizinhas em busca de lazer, permitindo ao comércio varejista da cidade, outra dinâmica, mediante criação de novas demandas; favoreceu ainda os estabelecimentos prestadores de serviços, o que tem gerado um crescimento no número de empregos formais nestes segmentos.

**Palavras-chave:** Pequenas cidades. Agronegócio. Comércio Varejista. Chácaras de Lazer.

DIAS, Maico Eduardo Dias. **A pequena cidade de Alvorada do Sul-PR: Uma discussão a partir do agronegócio e lazer.** 2014. 68 p. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

### **ABSTRACT**

The present study aims to understand the socio-economic dynamics of the city of Alvorada do Sul-PR, a small town in north of Paraná, making an argument from the activities of agribusiness and leisure. Tried to understand the relations between the small town and agribusiness, as the city is soybean producer; this perspective there was the activities that the city exercises to meet the demands of agricultural production of soy. We seek to understand the leisure farms of allotments on the around the border of Capivara Dam, given that the residents of these second homes led to an enhancement in the retail trade, and services. Accordingly operational procedures were used as; literature surveys, secondary data collection in the IBGE, IPARDES, MTE; and interviews with traders, leisure farms residents, and representative of Commerce. That way to discuss about of their historical process of the city, showing the socio-spatial transformations that have occurred, particularly with the construction of the hydroelectric on Capivara Dam in 1975, which led to the creation of leisure farms subdivisions. It was found that Alvorada do Sul-PR is a city that since your criation is a city that has as its main economic activity farming and from the mid of 1990, replaced by spaces for the second residence attracting the public neighboring cities in search of leisure, which led the market in the city to a new reality, creating new demands; still favoring service providers establishments, which has generated an increase in the number of formal jobs in these segments.

**Key words:** Small Towns. Agribusiness. Retail Business. Leisure Farms.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 01</b> - Localização do município de Alvorada do Sul no estado do Paraná.....	14
<b>Figura 02</b> - Construção dos vertedouros da Usina hidrelétrica de Capivara na década de 1970.....	15
<b>Figura 03</b> - Ponte que ligava Paraná a São Paulo, submersa, Alvorada Do Sul-PR, 1976 .....	17
<b>Figura 04</b> - Município de Alvorada Do Sul-PR e a área de alagamento da represa da usina hidrelétrica Capivara .....	18
<b>Figura 05</b> - Loteamento Balneário Indianópolis – Alvorada do Sul-PR.....	40
<b>Figura 06</b> - Planta da cidade de Alvorada do Sul-PR e a integração com os primeiros loteamentos de chácaras às margens da Represa Capivara, 1997 .....	41
<b>Figura 07</b> - Projeto do Loteamento Gasparelli 1 em Alvorada do Sul – PR, 1999 ....	43
<b>Figura 08</b> - Condomínio Ana Bella, Alvorada do sul-PR, 2014.....	45
<b>Figura 09</b> - Área de lazer Condomínio Ana Bella, Alvorada do Sul-PR, 2014 .....	46
<b>Figura 10</b> - Planta do Condomínio Brisas do Paranapanema, Alvorada do Sul-PR, 2014 .....	47
<b>Figura 11</b> - Condomínio Brisas do Paranapanema, Alvorada do Sul-PR, 2014 .....	48
<b>Figura 12</b> - Localização de Loteamentos de Chácaras de Lazer no Município de Alvorada do Sul-PR-2015.....	49
<b>Figura 13</b> - Loteamentos às Margens da Represa Capivara em Alvorada do Sul-PR, 2014 .....	54
<b>Figura 14</b> - Supermercado Casa do Povo 1970, Alvorada do Sul-PR .....	64
<b>Figura 15</b> - Supermercado Alvorada, Alvorada do Sul-PR, 2014 .....	65
<b>Figura 16</b> - Prédio comercial para locação, Alvorada do Sul-PR, 2014.....	65

## LISTA DE QUADRO

<b>Quadro 1</b> - Evolução de população no município de Alvorada do Sul-PR, de 1960 - 2010.....	16
---	----

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 01</b> - Total de estabelecimentos e trabalhadores nas atividades agropecuárias no município de Alvorada do Sul-PR – 2012.....	19
<b>Tabela 02</b> - Quantidade de área plantada e resultados no cultivo de grãos-2012....	20
<b>Tabela 03</b> - Número de estabelecimentos e trabalhadores dos diferentes segmentos comerciais de Alvorada do Sul-PR, 2012.....	21
<b>Tabela 04</b> - Número de estabelecimentos e trabalhadores de diferentes tipos de serviços - 2012.....	22
<b>Tabela 05</b> - Número de indústria e trabalhadores no município de Alvorada do Sul-PR - 2012 .....	23

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. ALVORADA DO SUL: GÊNESE E DINÂMICA DE SUA EVOLUÇÃO . .....</b>	<b>13</b>
2.1. MUNICÍPIO DE ALVORADA DO SUL NOS ANOS 1970 .....	15
2.2. MUNICÍPIO DE ALVORADA DO SUL-PR NA ATUALIDADE.....	18
<b>3. A PEQUENA CIDADE NO CONTEXTO DO AGRONEGÓCIO .....</b>	<b>24</b>
<b>4. DINÂMICA DAS ATIVIDADES COMERCIAIS VAREJISTAS E DO LAZER .....</b>	<b>38</b>
4.1. CHÁCARAS DE LAZER ÀS MARGENS DA REPRESA CAPIVARA .....	39
4.2. COMÉRCIO VAREJISTA PARA O TURISMO .....	55
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>70</b>

## **1. INTRODUÇÃO**

Objetivou-se com este trabalho de conclusão de curso compreender a dinâmica socioeconômica do município de Alvorada do Sul-PR, uma pequena cidade localizada no Norte do Paraná, a partir de suas atividades prestadoras de serviços e comerciais, com ênfase no agronegócio e na atividade de lazer a partir das chácaras na dinâmica comercial varejista, tendo em vista as demandas criadas pelos moradores destas segundas residências.

A ocupação das terras e criação da cidade de Alvorada do Sul-PR ocorreu a partir de loteamento rural, predominantemente com base em pequenas propriedades que, foram cultivadas com café, gêneros alimentícios e algumas matérias primas. Inicialmente o pequeno núcleo urbano criado figurou como distrito administrativo do município de Porecatu-PR no ano de 1947, e no ano de 1951 passou a ter sua autonomia, sendo elevado a município na hierarquia administrativa do estado.

Na década de 1970 o município passou por várias mudanças, tanto na zona rural como urbana. O café que era até então a mais importante produto, começou a ser substituído pela soja, milho e trigo; paralelo a esta substituição de cultura e outras transformações como as relações de trabalho, domicílio da população, dentre outros, ocorreu o processo de mecanização da agricultura aliado ao uso de insumos e fertilizantes para maior produtividade.

Nesta mesma década ocorreu ainda a construção da Usina Hidrelétrica Capivara no Rio Paranapanema, que alterou a configuração territorial do município. Concluída em 1975, a barragem da usina fez com que o nível do rio Paranapanema fosse elevado, deixando milhares de hectares de terras submersos, implicando diretamente no desenvolvimento econômico do município mediante redução da área destinada às atividades agropecuárias.

A cidade de Alvorada do Sul-PR caracteriza-se atualmente por ter importante parcela de sua economia vinculada às atividades voltadas ao agronegócio da soja e milho, mas o lazer vinculado à presença das chácaras de segunda residência, vem se colocando como elemento dinamizador do comércio varejista.

Dessa forma o trabalho faz uma discussão sobre o fenômeno da segunda residência e lazer, buscando evidenciar a importância dos mesmos para a economia

urbana. Assim, o trabalho tem o objetivo geral caracterizar as atividades econômicas da cidade, em especial do comércio varejista e as atividades vinculadas ao agronegócio. Para tanto, especificamente fez uma breve caracterização do processo histórico da ocupação do município; discutiu-se o papel do agronegócio na economia do município, bem como o papel das chácaras de lazer no desenvolvimento do varejo local.

Inicialmente o que justifica a realização deste trabalho, é o fato de que o autor residiu na cidade de Alvorada do Sul-PR por anos, possibilitando a observação empírica da evolução do desenvolvimento dos loteamentos de chácaras de lazer quanto do comércio varejista. Tal fato permitiu questionar as razões e como se desenvolve este processo, bem como identificar alguns elementos para que a mesma aproveite ainda mais este potencial.

Metodologicamente foram realizados levantamentos bibliográficos sobre a ocupação do Norte do Paraná; como se deu a criação do município de Alvorada do Sul-PR; sobre a conceituação de agronegócio; pequenas cidades; comércio varejista e chácaras de lazer. Foram feitas pesquisas em fontes primárias através de entrevistas semiestruturada na Associação Comercial, Prefeitura Municipal, loteadoras, moradores das chácaras de lazer. Também foram feitos levantamentos em fontes secundárias como Ministério do Trabalho e Emprego, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Ipardes.

O trabalho foi subdividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo tratou-se dos aspectos introdutórios, ou seja, a contextualização do tema o objetivo, a justificativa e os procedimentos metodológicos. No segundo capítulo abordam-se processos históricos da sua gênese e evolução socioeconômica do município.

O terceiro capítulo traz uma discussão teórica sobre o conceito agronegócio, e dinâmica que essa atividade representa para as pequenas cidades, trazendo também entrevistas com proprietários de estabelecimentos que prestam serviço ao agronegócio do município.

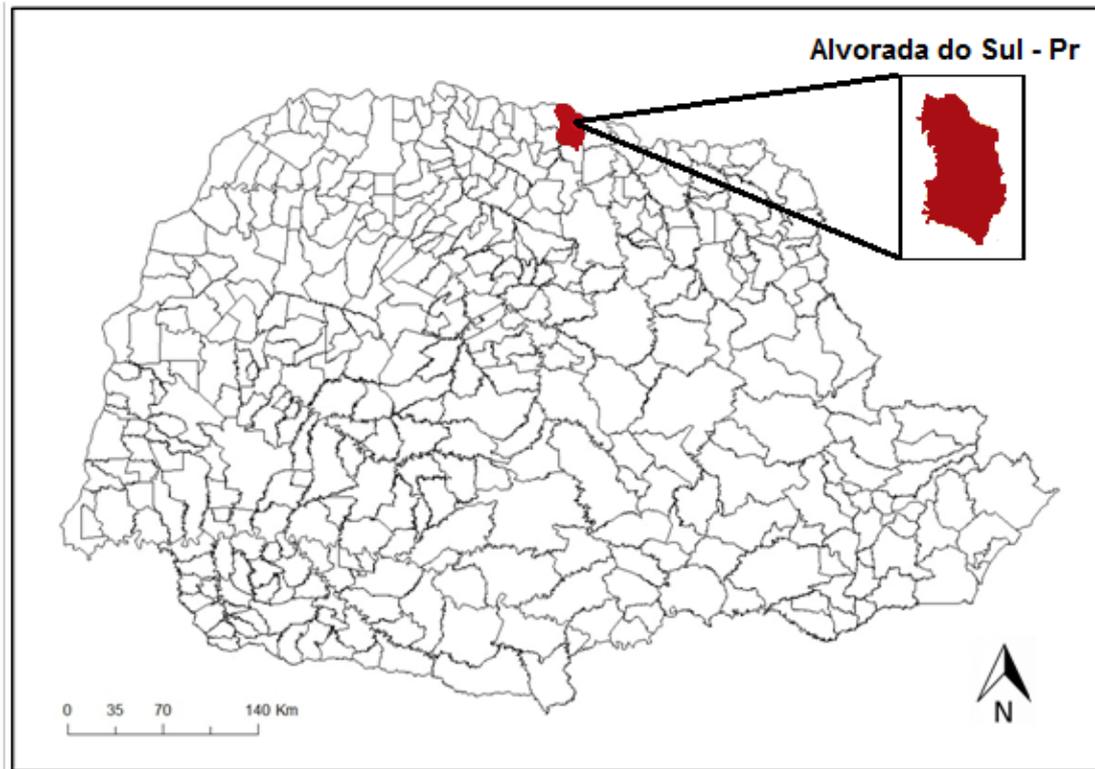
No quarto capítulo tem-se os levantamentos bibliográficos sobre comércio varejista e chácaras de lazer, acompanhado de informações sobre a atual situação do comércio e loteamentos de chácaras no município de Alvorada do Sul-PR. Ainda foram feitas entrevistas com comerciantes da cidade, buscando compreender esta atividade econômica em Alvorada do Sul.

## **2. ALVORADA DO SUL: GÊNESE E DINÂMICA DE SUA EVOLUÇÃO**

Para estudar a criação do município de Alvorada do Sul-PR, temos que contextualizarmos a dinâmica de colonização do norte paranaense. De acordo com Muller (2001) com a estrada de ferro Sorocabana atingindo Ourinhos-SP 1908, a expansão da colonização do norte do Paraná aumentou e começou a se consolidar, sendo importante fator para o escoamento do café a ser produzido. Essa colonização foi adentrando a área de forma mais expressiva a partir 1929, quando passou a atuar a CTNP - Companhia de Terras Norte do Paraná que tinha em mãos uma gleba de 515.000 alqueires (12.643 km<sup>2</sup>) que foram loteadas em pequenas e médias propriedades. Essa mesma companhia fundou Londrina-PR e várias cidades criadas para atender as demandas do campo.

A ocupação de terras e criação do núcleo urbano de Alvorada do Sul-PR ocorreu de modo similar ao praticado pela CTNP, mas sob o controle de uma imobiliária de terras rurais e urbana que loteou e comercializou as terras que hoje pertencem ao município. As terras rurais foram divididas em pequenas propriedades que foram cultivadas com de café. A empresa Nogueira Comercial Exportadora com sede na cidade de Santos - SP adquiriu uma extensa área de terras no município de Porecatu-PR, no qual estava localizada a fazenda Alvorada, onde foi constituído um povoado no ano de 1947. E a partir de então foi elaborado pela empresa imobiliária um projeto urbanístico que alguns anos mais tarde iria se tornar o município de Alvorada do Sul-PR. Em 14 de Dezembro de 1951 o distrito administrativo de Alvorada, passa a ter sua autonomia, sendo elevado a município. Muller (2001). A figura 1 mostra a localização do município no estado do Paraná.

**Figura 1:** Localização do município de Alvorada do Sul no estado do Paraná.



**Fonte:** IBGE, 2014.  
Org. DIAS, 2014.

O município de Alvorada do Sul-PR na década de 1960 já se encontrava um tanto mais estruturado e independente do que na década anterior, na zona rural os colonos em sua maioria italianos e espanhóis, já haviam derrubado boa parte da mata para exercer suas atividades agropecuárias, a produção de café ainda era a maior. Maior parte da população do município se encontrava na área rural, mas era na cidade que a população exercia o comércio e escoamento de sua produção.

Nesse sentido, o campo dependia da cidade, para que a população residente da área rural pudesse fazer compras de produtos que não eram encontrados no campo, e para a venda e beneficiamento do café, feijão, arroz. O comércio varejista ainda se mostrava restrito em alguns aspectos, mas de muita importância para o município. O processo de transformação e produção do espaço urbano estava se iniciando em relação a infraestrutura, as ruas não eram asfaltadas e as pessoas que residiam no núcleo urbano eram as que trabalhavam nas escolas, hospitais, máquinas de beneficiamento, comércio e outros serviços, assim como alguns proprietários de propriedades rurais. Nesta época havia uma ponte que ligava o município de Alvorada do sul-PR e o município de Iepê-SP, pois o rio Paranapanema ainda tinha sua largura natural, dessa forma a cidade era via de

acesso entre o estado do Paraná e o estado de São Paulo, isso deixava a cidade com maior fluxo de pessoas favorecendo o comércio local.

### *2.1. Município de Alvorada do Sul nos anos 1970.*

Na década de 1970 o município começa a passar por modificação tanto na zona rural como urbana, pois a mecanização da agricultura começa a ser intensificada com o uso de fertilizantes e insumos para maior produtividade. O café, que antes era o mais importante em termos monetários e de área ocupada foi substituído pelas lavouras de soja, milho e trigo.

Porém o que de fato alterou toda a configuração espacial do município nesta década foi a construção da Usina Hidrelétrica Capivara, (figura 2), concluída em 1975. A barragem da usina fez com que o nível do rio Paranapanema fosse elevado, deixando coberto de água milhares de hectares de terras férteis, tanto no estado do Paraná quanto no estado de São Paulo.

**Figura 2:** Construção dos vertedouros da Usina hidrelétrica de Capivara na década de 1970.



**Fonte:** Duke Energy, 2014.

Após a conclusão da construção da Usina Hidrelétrica Capivara ocorreu uma crise econômica no município, onde os pequenos agricultores foram obrigados a vender o que havia restado de suas propriedades, ampliando o êxodo rural, (ao qual também se vincula às transformações na agropecuária). Esse processo perdurou

por vários anos, ocasionando inclusive queda na densidade no número de habitantes gráfica do município.

**Quadro 1** - Evolução de população no município de Alvorada do Sul-PR, de 1960-2010.

Ano	População Urbana	População Rural	População Total
1960	-	-	12.803
1970	3.260	15.989	19.249
1980	5.250	7.407	12.657
1991	5.923	3.756	9.679
2000	7.015	2.238	9.253
2010	7.338	2.945	10.283

**Fonte:** IBGE, Censos demográficos, 1960, 1970, 1980, 1990, 2000, 2010.

A partir do quadro 1, verifica-se que até o ano de 1970, a população total teve um crescimento de aproximadamente 60% em relação ao número de habitantes de 1960. Já em 1980, passa logo após a construção da Usina Hidrelétrica de Capivara e que estava sendo ampliada a mecanização da agricultura, a população total diminuiu aproximadamente 60%, voltando a ser similar àquela de 1960. No início da década de 1990, o município continuou apresentando redução de sua população total, mas cujo índice não foi tão elevado quanto o anteriormente referido; em 2000 a mesma situação se repetiu, mas a taxa negativa de crescimento populacional foi menor que entre 1980-1991. Somente em 2010 é que teve-se um aumento no crescimento populacional total do município, com um aumento de aproximadamente 1.000 habitantes.

O quadro ainda mostra a população residente na cidade teve um aumento gradativo no período considerado; mas entre 1960 e 1970, a taxa de crescimento foi negativa. A partir de então e até o ano de 2010 o crescimento da população urbana foi contínuo representando na última data uma taxa de urbanização de 71,36%.

O aumento do contingente populacional da década de 1970, também se deve a demanda de empregos que a construção da Usina Hidrelétrica de Capivara proporcionou naquele momento, de acordo com Duke Energy (2014).

[...] No auge da construção havia cerca de 7.800 pessoas trabalhando ininterruptamente, e ao invés da criação de uma nova cidade, como já havia

vido feito em outros locais em Capivara optou-se pelo aproveitamento de várias pequenas cidades existente próximo ao canteiro de obras, assim o programa de necessidades de acomodação dos trabalhadores foi distribuído pelas cidades de Iepê e Nantes (SP) e Porecatu e Alvorada do Sul (PR)” (DUKE ENERGY, 2014).

Na contrapartida após o termino das obras, tem-se uma queda do contingente populacional. A cidade que tinha um movimento de pessoas relativamente grande devido ao acesso que proporcionava ao estado de São Paulo, ficou reduzido, pois a ponte que dava acesso ao estado vizinho ficou submersa pelas águas do Paranapanema, agora represada pela Usina de Capivara. (Figura 3).

**Figura 3:** Ponte que ligava Paraná a São Paulo, submersa, Alvorada Do Sul-PR, 1976.



**Fonte:** Alvo Social, 2014.

A partir de então houve a implantação de uma balsa que fazia a travessia duas vezes ao dia, mas não foi utilizada por muito tempo, pois o custo era elevado e logo a mesma foi retirada de uso. Nessa mesma época, meados da década de 1970, foi construída outra ponte na divisa do município de Alvorada do Sul com Porecatu-PR, alterando o percurso da rodovia de ligação ao estado de São Paulo.

Foram muitos os problemas causados pela represa Capivara, tanto econômico quanto social, porque o valor pago pela indenização da usina hidrelétrica foi baixo, não sendo suficiente para quitar antigas dívidas de proprietários rurais e

muito menos para comprar terras em outras áreas. Porém, com mais pessoas na cidade, o comércio passou a ser ampliado.

## 2.2. Município de Alvorada do Sul-PR na atualidade.

O município de Alvorada do Sul segundo o IBGE (2010) possui uma área de unidade territorial de 424,249 Km<sup>2</sup> e uma população de 10.283 habitantes, tendo uma densidade demográfica de 24,24 habitantes por Km<sup>2</sup>, e tem mais de 50% do seu limite municipal banhado pelas águas da Represa da usina hidrelétrica Capivara nas porções oeste, norte e leste do município.

**Figura 4:** Município de Alvorada Do Sul-PR e a área de alagamento da represa da Usina Hidrelétrica Capivara - 2014.



**Fonte:** Google Maps, 2014.  
**Org:** DIAS, 2015.

A figura 4 mostra a área de alagamento da represa, podendo-se observar que ao norte do município de Alvorada do Sul e a leste se encontra a área de maior abrangência do alagamento da represa, percorre nos outros municípios do Paraná, como Porecatu, Primeiro de Maio e Sertanópolis, a usina hidrelétrica Capivara é então a maior represa construída no rio Paranapanema (DUKE ENERGY, 2014).

O município na atualidade, meados da segunda década do século XXI, vem apresentando um desenvolvimento socioeconômico significativo em relação às décadas anteriores, com o fortalecimento do agronegócio, em especial a produção de grãos como soja e milho. Além destes tem-se o fenômeno de “segunda residência”, por meio das chácaras de lazer que circundam a represa, elevando o fluxo de pessoas principalmente em feriados e finais de semana. A maior parte da população do município mora na cidade, cerca de 80%, no entanto grande parte trabalham em algo relacionado com a agropecuária, dividindo-se também em vários segmentos como comércio varejista, servidores públicos e indústria. Podemos ver isso com mais detalhes a seguir.

**Tabela 1** – Total de estabelecimentos e trabalhadores nas atividades agropecuárias no município de Alvorada do Sul-PR - 2012.

Atividades	Nº de Estab.	Nº de Trab.
Cultivo de Cereais para Grãos.	5	6
Cultivo de Cana de Açúcar.	2	1
Cultivo de Soja.	44	100
Cultivo de Frutas Cítricas.	1	1
Cultivo de Café.	4	18
Cultivo de Outros Produtos de Lavoura Permanente.	4	4
Criação de Bovinos.	7	19
Criação de Outros Animais de Grande Porte.	1	1
Atividades de Serviços Relacionados com a Agricultura.	15	35
Atividades de Serviços Relacionados com a Pecuária, Exceto Atividades Veterinárias.	1	0
Agricultura e Serviços Relacionados.	5	34
Extração de Pedra, Areia e Argila.	1	1
<b>Total</b>	90	220

**Fonte:** Brasil, 2012.

Do total dos trabalhadores das atividades agropecuárias, 45% vinculam-se à produção de soja, seguido por aqueles que exercem atividades relacionadas à agricultura. “Estas são em geral, atividades de apoio à agricultura sob-contrato, e englobam a preparação do terreno, cultivo, colheita e serviços de pulverização” (IBGE, 2014). Na sequência tem-se 16% com agricultura e serviços relacionados

que compreendem o cultivo de lavouras e a criação animal, horticultura, floricultura entre outros. Chamou a atenção na tabela o fato de que 8% dos trabalhadores atuam na produção de café através de 01 estabelecimento. Faz-se necessário lembrar que os trabalhadores citados na tabela, são aqueles formais, isto é, atuam com carteira assinada e portanto os dados apresentados na tabela não envolvem os trabalhadores informais como os bóias – frias ou qualquer outro não esteja com registro empregatício.

Temos que fazer uma correlação destes dados com a área do município que é utilizada para o cultivo de grãos em sua maior parte, o que explica a maior geração de emprego nessa classe de produção no município. Os três principais grãos produzidos no município de Alvorada do Sul-PR são Milho, Soja e Trigo, o rendimento de produção de cada um deles varia a cada ano, pois os resultados dependem de vários fatores como, preço de mercado, condições favoráveis do tempo, bons resultados de fertilizantes e controle de pragas. A tabela 2 mostra alguns números a respeito da produtividade de grãos do município de Alvorada do Sul - Pr.

**Tabela 2** - Quantidade de área plantada e resultados no cultivo de grãos, 2012.

<b>Cultura de Grãos</b>	<b>Área Plantada (ha)</b>	<b>Quant. colhida (t)</b>	<b>Valor da prod. (R\$)</b>
Milho	20.750	112.834	50.812
Soja	20.000	54.480	48.596
Trigo	100	264	148.000
<b>Total</b>	40.850	167.578	247.408

**Fonte:** IBGE, 2012.

Os dados mostram que as lavouras de Soja e Milho, por serem lavouras temporárias e intercalarem os seus períodos de produção, apresentam então quase a mesma quantidade de área plantada, já que é utilizada a mesma área para o plantio das duas culturas. O Trigo aparece com uma pequena área plantada, em compensação com um maior valor da produção neste ano. O município de Alvorada do Sul-PR ainda apresenta uma área de 434 hectares de cana-de-açúcar, com quantidade colhida de 32.706 toneladas (IBGE, 2012).

Se a agropecuária configura-se uma importante atividade produtiva, por outro lado é necessário estudar alguns aspectos urbanos, para se ter uma

aproximação da dinâmica econômica municipal. Desta maneira a tabela 3 apresenta o número de estabelecimentos e trabalhadores nos seguimentos do comércio varejista da cidade de Alvorada do Sul-PR.

**Tabela 3** - Número de estabelecimentos e trabalhadores dos diferentes segmentos comerciais de Alvorada do Sul-PR, 2012.

<b>Segmento</b>	<b>Nº de Estab.</b>	<b>Nº de Trab.</b>
Comércio a Varejo e por Atacado de Peças e Acessórios para Veículos Automotores	5	13
Comércio a Varejo de Combustíveis	2	10
Comércio Atacadista de Matérias Primas Agrícola e Produtos Semiacabados	1	13
Comércio Atacadista de Produtos Químicos	2	12
Comércio Atacadista de Mercadorias em Geral (Não Especializado)	1	18
Comércio Varejista de Merc. Geral, c/ Pred. Prod. Alimentos, com Área de Venda Entre 300 e 5000 Metros Quadrados Sup.	4	108
Comércio Varejista de Merc. Geral, c/ Pred. Prod. Alimentos, com Área de Venda Inferior a 300 Metros Quadrados.	4	11
Comércio Varejista de Produtos de Padaria, de Laticínio, Frios e Conservas.	4	6
Comércio Varejista de Carnes Açougues	1	3
Comércio Varejista de Outros Produtos Alimentícios não Especificados Anteriormente.	3	7
Comércio Varejista de Tecidos e Artigos de Armarinho	1	1
Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Complementos	13	20
Comércio Varejista de Calçados, Artigos de Couro e Viagem.	2	5
Comércio Varejista de Produtos Farmacêuticos, Artigos Médicos e Ortopédicos, de Perfumaria e Cosméticos.	7	18
Comércio Varejista de Móveis, Artigos de Iluminação e Outros Artigos para Residência.	4	11
Comércio Varejista de Equipamentos e Materiais para Escritório.	2	1
<b>Total</b>	<b>56</b>	<b>257</b>

**Fonte:** Brasil, 2012.

O comércio atacadista é representado por quatro estabelecimentos, dos quais dois estão vinculados ao comércio de produtos químicos destinados a agricultura, como agrotóxicos e fertilizantes artificiais, somando 16% do total dos

trabalhadores. O comércio varejista por sua vez, tem seu destaque para aquele de mercadorias em geral com área de venda entre 300 e 5.000 m<sup>2</sup>, representando 42% do total de trabalhadores e 7% dos estabelecimentos. Na sequência tem-se o comércio varejista de artigos de vestuário e complementares com 8% de trabalhadores e 23% de estabelecimentos. Denota-se pela tabela 3 que o comércio varejista é importante do ponto de vista da geração de emprego, pois observa-se que a agropecuária gerava 220 empregos no ano de 2012 enquanto o comércio varejista e atacadista perfazia 257.

**Tabela 4** - Número de estabelecimentos e trabalhadores de diferentes tipos de serviços - 2012.

<b>Serviços</b>	<b>Nº de Estab.</b>	<b>Nº de Trab.</b>
Estabelecimentos Hoteleiros	1	5
Atividades de Correio Nacional	1	3
Bancos Múltiplos (Com Carteira Comercial)	2	10
Crédito Cooperativo	1	2
Atividades Auxiliares dos Seguros e da Previdência Complementar	1	9
Administração de Imóveis por Conta de Terceiros	1	11
Aluguel de Máquinas e Equipamentos Agrícolas	1	0
Atividades Jurídicas	1	3
Atividades de Contabilidade e Auditoria	2	6
Atividades de Assessoria em Gestão Empresarial	1	1
Administração Pública em Geral	5	429
Educação Infantil pré-escola	1	22
Atividades de Atenção Ambulatorial	2	1
Atividades de Serviços de Complementação Diagnóstica ou Terapêutica.	1	3
Atividades de Organizações Empresariais e Patronais	1	3
Atividades de Organizações Sindicais	1	1
Atividades de Organizações Religiosas	2	7
Atividades Funerárias e Serviços Relacionados	2	5
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>521</b>

**Fonte:** Brasil, 2012.

A tabela 4 apresenta os números de estabelecimentos e trabalhadores que atuam nos serviços, o destaque é administração pública em geral, que inclui educação, coleta de lixo, saúde pública departamento de obras, esporte, cultura, lazer e todo e qualquer serviço prestado tanto pelo estado como prefeitura municipal. Verifica-se que a administração pública era responsável por 82% do total

de trabalhadores dos serviços. Mas os outros serviços mesmo gerando menos empregos diretos, também são de alta importância para a cidade.

Na sequência tem-se os trabalhadores que atuam na educação infantil pré-escola, representando 4,5%, em seguida aparece os trabalhadores da administração de imóveis por terceiros com 2% do total dos trabalhadores do setor de serviços. Assim como o comércio varejista o setor de serviços da administração pública é um dos principais do município de Alvorada do Sul.

A tabela 5 mostra a situação industrial no ano de 2012 no município de Alvorada do Sul-PR.

**Tabela 5** – Número de indústria e trabalhadores no município de Alvorada do Sul-PR- 2012.

<b>Indústria</b>	<b>Nº de Estab.</b>	<b>Nº de Trab.</b>
Extração de Pedra, Areia e Argila.	1	1
Fabricação de Artefatos de Tapeçaria.	1	0
Confecção de Peças do Vestuário Exceto Roupas Íntimas, Blusas, Camisas e Semelhantes.	4	235
Fabricação de Artefatos de Concreto, Cimento, Fibrocimento, Gesso e Estuque.	1	6
Fabricação de Aparelhos e Instrumentos para Usos Médico hospitalares, Odontológicos e de Laboratórios e Aparelhos Ortopédicos.	1	10
<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>252</b>

**Fonte:** Brasil, 2012.

A tabela 5 mostra que 94% do total de trabalhadores do setor industrial de Alvorada do Sul-PR estão inseridos no segmento de confecção de peças do vestuário exceto roupas íntimas, blusas, camisas e semelhantes, sendo assim o principal gerador de empregos desse setor. Na sequência com 4% do total de trabalhadores aparece o segmento de fabricação de aparelhos e instrumentos para uso médico hospitalares, odontológicos e aparelhos ortopédicos.

Neste capítulo foi possível uma abordagem com aspectos históricos do município de Alvorada do Sul-PR, destacando as transformações que ocorreram desde sua gênese até os últimos anos e ainda o quadro geral de suas atividades econômicas, bem como a geração de empregos no município.

Dessa forma podemos ressaltar a importância de algumas atividades econômicas. A agricultura é uma delas e se apresenta como a principal atividade do

município em termos de geração de rendas, pois está inserida no contexto do agronegócio, o qual demanda vários serviços, gerando ainda mais emprego à população. O comércio também expressa significativa importância na geração de emprego, uma vez que vem apresentando desenvolvimento considerável. E ainda a indústria que apesar de ser um segmento ainda em desenvolvimento na cidade, também expressa resultados positivos para a geração de emprego.

### **3. A PEQUENA CIDADE NO CONTEXTO DO AGRONEGÓCIO.**

Em todo o Brasil existem municípios que apresentam uma vasta área territorial e são político-administrativamente sediados por pequenas cidades e que tem uma forte articulação entre o rural, urbano e agrícola. A cidade atende as necessidades da população, seja ela residente na zona urbana ou rural, e cada uma apresenta suas particularidades dependendo de seu contexto socioespacial.

Mediante tal posicionamento, podemos entender a dimensão mínima a partir da qual é possível falar de uma verdadeira cidade e, ao mesmo tempo, isto nos remete à complexidade das condições e elementos que nos permitam caracterizar uma cidade como sendo pequena. Porque nesta classe de cidades vamos encontrar desde aquelas com limite mínimo da complexidade de atividades urbanas até aquelas donde tal complexidade é bastante acentuada, refletindo inclusive, diferenças do ponto de vista populacional (FRESCA, 2001, p.28).

Temos como exemplo as cidades criadas no norte do Paraná que “[...] nesta economia assentada na pequena produção mercantil, fundamental foi a presença das cidades, fundadas a partir de ações planejadas, que tinham como fundamento atender as demandas básicas da população e da produção propriamente dita, atribuídas pela divisão social do trabalho [...]” (FRESCA, 2001, p.29).

Considerar uma cidade como sendo uma pequena cidade, não basta partir somente do número de habitantes, mas sim de toda a complexidade socioeconômica e de sua centralidade para a rede urbana em que ela está inserida. É preciso considerar para tanto, o nível do desenvolvimento das forças produtivas e das relações sociais na formação social brasileira de modo a entender que os processos de modernização técnica científica não ocorrem de forma homogênea no território brasileiro, e que o capital se instala de diferentes formas no território

também, e isso reflete totalmente na produção sócio espacial destes centros urbanos. (FRESCA, 2010).

Dessa forma é de muita importância o estudo das pequenas cidades, pois de acordo com Oliveira (2010, p. 30):

São as pequenas cidades que fazem a articulação entre a população rural e as outras cidades mais desenvolvidas, permitindo o acesso desta população a outros bens e serviços, além da comercialização dos produtos do campo, mesmo conseguindo apenas preços irrisórios. A cidade, por menor que seja, desempenha um papel importante dentro de um espaço, mesmo que seja como consumidora ou criadora de mão-de-obra não especializada e até mesmo como produtora de alimento para consumo interno do país. Mesmo para toda cidade que tenha sua gênese num pequeno núcleo, que se estagnou, entrou em decadência ou evoluiu até tornar-se uma metrópole. Daí a importância de se entender a pequena cidade e reconstruir a sua história (OLIVEIRA, 2010, p.30).

Podemos ter duas possíveis abordagens para as pequenas cidades. Para Corrêa (2011) uma delas é a análise de relações entre a cidade e a região, a partir da rede urbana na qual a mesma encontra-se inserida, considerando a divisão social e territorial do trabalho; a segunda abordagem parte da ideia de entender a cidade a partir da maneira de como ela se organiza internamente, considerando sua estrutura interna. De certa maneira estas abordagens são complementares e indissociáveis. As pequenas cidades assumiram papéis diferenciados mediante a modernização da agricultura a partir da década de 1970, quando há uma consolidação da agroindústria e dos agronegócios, fazendo com que as pequenas cidades se ajustem por meio de especializações de serviços tanto para o campo quanto para a própria cidade.

Mas vale ressaltar que existem alguns casos onde a indústria se destaca como o setor mais importante de uma pequena na cidade. É o caso de Jaguapitã-PR, localizada no norte do Paraná, cidade na qual foram criadas indústrias de mesas de bilhar, se tornando uma cidade especializada neste tipo de produção.

O desenvolvimento e expansão desse ramo industrial no decorrer das décadas de 1970-2000 suscitou um deslocamento cada vez maior de pessoas, mercadorias, informações e capital de e para Jaguapitã-PR. Com o crescente número de unidades produtivas, foi ampliada a demanda por matéria-prima e acessórios, assim como

ocorrera a expansão das áreas para a locação das mesas para bilhar, ou seja, do mercado consumidor [...] (VEIGA, 2010, p.141).

Outra pequena cidade que se destaca no setor industrial no norte do Paraná é Assaí-PR, mas diferente de Jaguapitã-PR, a cidade se desenvolveu no setor industrial Metal-mecânico.

Em Assaí, os processos associados a investimentos e iniciativas locais possibilitaram a instauração das unidades industriais, dando um novo sentido à vida da cidade, aumentando sua centralidade em relação às demais cidades de seu entorno, contribuindo para o aumento na oferta de bens diferenciados e atraindo novos serviços para atender a nova realidade instalada na cidade, sobretudo relacionada ao setor industrial [...] (ALMEIDA, 2010, p.11).

Dessa forma, a indústria tem maior destaque na cidade de Jaguapitã-PR e Assaí-PR, diferente de outras pequenas cidades do norte paranaense, onde seus serviços e comércio varejista são voltados para as demandas do campo, tendo uma maior relação entre o campo e a cidade.

A relação campo-cidade torna-se mais complexa, nos municípios onde trabalhadores de diversas especialidades moram na cidade e atuam no campo, como agrônomos, veterinários, administradores, e até mesmo, os próprios boias-frias (SANTOS, 1993).

O planejamento baseado na unidade territorial dos municípios deve ter em mente que o processo de produção do espaço não está separado dos processos naturais e que nossas ações acarretam em consequências diretas visíveis na configuração e estruturação do espaço socialmente produzido. A articulação entre o urbano e o rural nas políticas, no planejamento e na gestão do território seria, portanto, um passo efetivo na obtenção de melhores condições sociais, econômicas e ambientais no campo e na cidade, principalmente quando nos referimos as cidades pequenas mergulhadas no universo rural, nas quais a reestruturação produtiva da agropecuária gera novas relações entre campo e cidade a partir de novas dinâmicas socioespaciais (MOREIRA, 2009, p.14).

As discussões a cerca das relações entre o urbano e rural estão sendo colocadas de lado, ao passo que muitos geógrafos urbanos e rurais estão interessados em pesquisas e lidar com outros problemas, mas esse é um tema que deve ser abordado. Corrêa (2011) “[...] considera a pequena cidade uma confluência entre o urbano e o rural, fala ainda que as pequenas cidades tiveram diversas origens, mas sempre existiu essa relação. Muitas vezes as dinâmicas de

engajamento das atividades urbanas e rurais estão tão equilibradas, que fica difícil dê-se notar um rígido limite entre esses dois núcleos [...]” (CORRÊA, 2011).

A pequena cidade é antes de mais nada um núcleo dotado da função de sede municipal. Reconhecemos que inúmeras vilas e povoados têm funções urbanas, mas o padrão dominante diz respeito à presença da função político-administrativa. Ser sede municipal significa certo poder de gestão de um dado território, o município, para o qual a presença de instituições e serviços públicos, além do acesso a tributos estaduais e federais tornam-se essenciais. Associada a essa função político-administrativa, seja de forma causal ou em consequência, há atividades econômicas vinculadas à produção e circulação de mercadorias e à prestação de serviços (CORRÊA, 2011, p.6).

Corrêa (2011) ainda afirma que um conjunto de transformações afetou o Brasil após a década de 1950 (CORRÊA, 2011), e que de modo geral, toda a sociedade foi afetada, tanto na esfera rural quanto na urbana. Na esfera rural tivemos a modernização do campo, gerou mudanças na estrutura fundiária do país, em direção a uma maior concentração de terras, diminuindo a quantidade de pequenos proprietários, houve também um aumento de assalariados no campo (CORRÊA, 2011).

Dessa forma a agricultura passou a ser mais dependente da indústria, pois necessita de fertilizantes, inseticidas, máquinas e implementos agrícolas, beneficiamento, embalagens etc., aumentando ainda mais sua dependência em relação a cidade, as fronteiras agrícolas foram ampliadas e novas áreas de produção foram criadas, principalmente para as monoculturas da soja. Já na esfera urbana, tivemos mudanças expressivas no volume populacional, por pessoas que foram atraídos por empregos urbanos, ou até mesmo como um refúgio para sobreviver (CORRÊA, 2011). Acontece também um desenvolvimento significativo nas vias de fluxos do país, diminuindo o tempo de escoamento da produção agrícola. Tivemos ainda as mudanças que ocorreram no setor atacadista e varejista, que afetou as pequenas, pois novos modelos de comercialização foram estabelecidos, exigindo relação diretamente com os industriais.

Segundo Maia (2005), classificar os tamanhos das cidades brasileiras é uma tarefa difícil e devemos tomar cuidados quanto a isso; mas é claro que devemos nos apoiar em critérios para fazer tal classificação. O Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE) faz essa classificação de forma quantitativa a partir do contingente populacional de cada cidade, sendo que as chamadas pequenas cidades possuem até 100.000 habitantes, as cidades médias de 100.000 habitantes até 500.000 e

acima disso são as grandes cidades (IBGE, 2014) Esta classificação realizada pelo país, necessita de cuidados, porque, deixa de lado outros fatores que vão além das diferenças demográficas, que singularizam e particularizam diferentes graus de importâncias destas cidades. “As cidades pequenas revelam um forte vínculo entre o núcleo urbano e as atividades agropecuárias realizadas no campo, em muitas delas concentram-se indústrias e comércios, que vão de certa forma determinar o grau de sustentabilidade econômica destes núcleos urbanos, que conseqüentemente proporcionará emprego e renda, reduzindo a dependência financeira da união” (MAIA, 2005, p.15).

Frederico (2011) ressalta que a agricultura moderna brasileira e sua expansão no território nacional, principalmente a expansão das monoculturas de soja, forçaram a necessidade de concentração de serviços ofertados, para atender o complexo produtivo do campo (FREDERICO, 2011) Dessa maneira criam-se núcleos urbanos na fronteira agrícola brasileira. Estes núcleos concentram muitos serviços, como técnicos e informacionais, consultorias jurídicas e financeiras, mão-de-obra, comércio de máquinas e insumos agrícolas, transportes entre outros.

A nova etapa da relação campo cidade tem como principal *lócus* a cidade, pois é nela que se reside a maior parte dos trabalhadores agrícolas que é realizado a gestão de toda a produção. Nesse sentido quanto maior for a especialização e informação em relação a produção do campo, maior será a relação entre esses dois núcleos. “[...] Estas cidades concentram ainda agências bancárias e escritórios de empresas exportadoras de *commodities* agrícolas aumentando e orientando o fluxo financeiro, sendo chamadas de Cidades do Agronegócio. Temos como exemplo a cidade de Tasso Fragoso - MA que com uma população de cerca de 8.000 habitantes, possuindo três escritórios exportadores, pertencentes às multinacionais Bunge e ABC-inco e a brasileira Ceagro, demonstrando assim que mesmo sendo uma pequena cidade, apresenta importância na economia nacional brasileira [...]” (FREDERICO, 2011). Dessa forma devido aos intensos fluxos de interações nas cidades do agronegócio, cria-se outra divisão social e territorial do trabalho.

Nas cidades do agronegócio, o número de pessoas ocupadas nas diferentes profissões ligadas ao campo moderno se distribui de forma piramidal. Na base concentram-se as ocupações ligadas às atividades com menor conteúdo em informação, como os trabalhadores agrícolas e pecuários e os trabalhadores artesanais das agroindústrias. Um pouco acima da base da pirâmide, mas ainda bastante numerosos, encontram-se os técnicos agrícolas, mecânicos e de transporte. Menos numerosos que os

anteriores e próximos do topo da pirâmide encontram-se profissionais com maior qualificação, como agrônomos, engenheiros (agrossilvípecuários) e gerentes de produção e administrativos, em empresas agropecuárias e financeiras. No topo da pirâmide encontram-se os profissionais ligados à produção da informação, no caso os 'pesquisadores das ciências da agricultura'. Este último, dentre as principais cidades do agronegócio da fronteira agrícola, está presente apenas em Rondonópolis (MT), devido à presença da Fundação Mato Grosso, empresa de pesquisa pertencente ao grupo Maggi (sócio majoritário). As demais cidades possuem no máximo dois pesquisadores, relacionados, na sua maioria, a área biológica e química (FREDERICO, 2011, p.17).

Dessa forma as pequenas cidades do agronegócio são cidades que atendem o campo, não apenas suprindo necessidades básicas, mas ofertando todo o complexo sistema que envolve a agricultura moderna.

Segundo Santos (1993) temos que caracterizar o Brasil como um país urbano e agrícola e não apenas urbano e rural, ou seja, as atividades agrícolas no país estão cada vez mais intensas e em constante evolução, vinculadas à presença do meio técnico-científico-informacional, que é a interação do homem com o meio, por intermédio de técnicas, no qual se dá a produção do espaço, sendo então intensificadas no século XXI pela era informacional (SANTOS, 1993) Dessa forma, municípios com forte presença de atividades agrícolas que demandam produtos para sua realização, e que tem suas sedes municipais agrícolas atendendo as necessidades do campo, essas cidades são denominadas por Santos (1993), de cidades do campo, as quais são responsáveis de suprir necessidades como suporte técnico, implementos e máquinas agrícolas, fertilizantes e insumos, recursos jurídicos e financeiros e é claro mão-de-obra qualificada para toda a demanda existente no campo. Essa demanda gerada pelo campo acaba por intensificar a dinâmica das atividades urbana, fomentando a economia local através do comércio e prestação de serviços.

O agronegócio, em geral, está presente no Brasil há décadas, no entanto segundo Lourenço (2008), este setor da economia ganhou forças entre os anos de 1970 e 1980 com a expansão da ciência e tecnologia, proporcionando a incorporação de regiões antes consideradas inóspitas para a agropecuária. O país passou então a ser considerado como aquele que dominou a "agricultura tropical", chamando a atenção de todos os seus parceiros e competidores em nível mundial. O Brasil apresenta uma extensa área territorial com clima favorável para variados tipos de produção agropecuária, algumas destas com enfoque na exportação e outras no próprio mercado interno.

A evolução da composição do Complexo do Agronegócio confirma que as cadeias do agronegócio adicionam valor às matérias-primas agrícolas nas quais o setor de armazenamento, processamento e distribuição final constituem o vetor de maior propulsão no valor da produção vendida ao consumidor, consolidado na forte rede de interligação entre a agricultura e a indústria. (LOURENÇO, 2008, p.3).

De acordo com Serra (2009), a partir da década de 1980 o agronegócio contou com a criação de várias empresas para atender as demandas de produção do campo, empresas essas constituídas tanto com capital nacional quanto internacional. Estas empresas trabalham em quase todas as fases da produção, ou seja, comercializam sementes, insumos, máquinas, assistências técnicas necessárias aos produtores agropecuários, e ao mesmo tempo compram e estocam a matéria-prima, podendo ainda processá-las agregando valor aos produtos.

O agronegócio se faz muito importante no Brasil, principalmente nas duas últimas décadas, onde pôde contar com a inserção de alta tecnologia em suas atividades, tanto na produção de modo geral, com máquinas de última geração, quanto em termos de tecnologia de informação que favorece o planejamento de logística de escoamento destes produtos. O agronegócio ainda proporciona benefícios sociais na forma de renda transferida devido à redução de preços, favorecendo o setor varejista e o consumidor (BARROS, 2006).

Contudo o agronegócio não é de interesse somente do capital privado, mas também existem fortes ligações com o Estado em si, que financia pesquisas em diversas instituições tanto estaduais quanto federais, desenvolvendo trabalhos que objetivam melhor desempenho em vários aspectos da agropecuária brasileira. Isto porque esta atividade representa papel importante tanto no atendimento de demandas internas como em elementos para exportação. As principais instituições de pesquisas presentes no Paraná são IAPAR - Instituto Agrônômico do Paraná, EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, TECPAR - Instituto de Tecnologia do Paraná, dentre outras como universidades estaduais e federais, que realizam parcerias com empresas privadas nacionais.

De acordo com EMBRAPA (2014), devido à presença de cultivo de grãos na maior parte do território nacional, principalmente a produção de soja, faz-se necessário uma sede de pesquisa específica como a Embrapa Soja, situada em

Londrina-PR, sendo uma das 47 unidades de pesquisa da Embrapa. Sua missão é viabilizar, por meio de pesquisa, desenvolvimento e inovação, soluções para a sustentabilidade das cadeias produtivas da soja e do girassol, em benefício da sociedade brasileira (EMBRAPA, 2014). Sua contribuição histórica ao agronegócio da soja no Brasil coloca a Embrapa Soja como referência mundial no desenvolvimento de tecnologias e inovação para esse cultivo em regiões tropicais. Entre suas contribuições estão o desenvolvimento de cultivares adaptadas a regiões de baixas latitudes; o controle biológico de pragas; técnicas de manejo e conservação do solo, dentre outras.

A unidade também é responsável pela pesquisa de girassol para todo o território nacional e pela pesquisa de trigo, desenvolvida em parceria com a Embrapa Trigo (Passo Fundo - RS) e o Instituto Agrônomo do Paraná – IAPAR (Londrina, PR). Além disso, a Embrapa Soja participa de atividades de pesquisa com outras unidades como a Embrapa Milho e Sorgo (Sete Lagoas – MG) e a Embrapa Arroz e Feijão (Santo Antônio de Goiás – GO), onde são realizadas pesquisas com milho e feijão (EMBRAPA, 2014).

Segundo Souza (2013), os agronegócios vêm crescendo de forma acelerada, não somente no Brasil, mas em todo o mundo, porque a demanda de alimentos também está aumentando, tanto pelo crescimento populacional do planeta, pelo enorme número de derivados, consumismo, e outros fatores que levam a população contemporânea a consumir mais alimentos. O desenvolvimento tecnológico, de pesquisa e inovação auxiliam o país, pois permitem inclusive o aumento da produção, sem aumento de área plantada. Em alguns casos, há aumento da produção com diminuição da área plantada e em outros há significativo aumento da produção, mas com reduzido aumento da área, mostrando que o agronegócio é de fato propulsor ao aumento da produtividade.

Para Gonçalves (1996), O processo histórico do Brasil traz consigo uma forte concentração de terras, se intensificando após os anos 1970 com a crescente modernização na agropecuária.

Isso porque, a despeito da redução da pobreza absoluta desde os anos 60, a desigualdade distributiva aumentou. A razão está em que os mais pobres, mesmo tendo crescimento em suas rendas, não elevaram sua participação na renda nacional, pois ocorreu acréscimo, a taxas mais elevadas, da renda dos mais ricos. Dentre os elementos que respondem pelas causas mais relevantes dessa realidade de renda desigual estão os impactos das

transformações produtivas da agropecuária sobre o salário e o emprego agrícolas. A perspectiva de que, com o processo de modernização, haveria uma melhoria da qualidade de vida do trabalhador rural, como resultado de aumento dos salários rurais, não se concretizou, aprofundando o problema. Mesmo que parcela importante tenha se deslocado para as cidades, nelas não encontraram empregos urbanos em condições que levassem à superação da situação original de pobreza. Na verdade, os indicadores de urbanização, que mostram que a participação da população urbana no total avançou significativamente no Brasil nas últimas décadas, escondem o fato de que importante parcela desses urbanos continuam tendo emprego rural, muitas vezes em precariedade ainda superior (GONÇALVES, 1996, p.23).

Esses fatores mostram que a expansão da agropecuária nem sempre se constitui de um processo empregatício, ou seja, de certa forma a modernização pode ocasionar uma crise no emprego rural. “[...] Então é necessário políticas empregadoras, que podem ser efetuadas tanto nas áreas rurais quanto nas áreas urbanas, à exemplo da construção civil que consegue gerar muitos empregos” (GONÇALVES, 1996).

Para Gonçalves (2008) não podemos falar do agronegócio sem falar das indústrias. Um dos setores com maior importância dentro da agropecuária é a produção de fertilizantes e insumos. “[...] Os fertilizantes estão presentes na agropecuária moderna desde os anos de 1970, como forma de complemento para a produtividade, proporcionando maior produção em menor área e tempo. Houve ação governamental para baratear os insumos e fertilizantes, juntamente com a intenção de criar demanda para as agroindústrias” (GONÇALVES, 2008). Acontece então uma dinâmica de articulação entre a produção e o consumo de fertilizantes, implicando em um processo de modernização agropecuária extremamente acelerada, mas esses programas de créditos rurais são instáveis e no final dos anos 1980 houve uma significativa queda no crédito rural e as indústrias tanto de bens de capital como de processamento, passaram a financiar os agropecuaristas, clientes e fornecedores. Depois disso surgiu um novo padrão de financiamento através da venda antecipada da produção, dando origem aos títulos financeiros criados em 1995 com a Cédula do Produto Rural (CPR) passando a ter uma versão financeira a partir do ano de 2000 (GONÇALVES, 2008).

De acordo com Gonçalves (2005) no período entre 1997-2003, os agronegócios brasileiro e sua inserção no comércio exterior mostram que as exportações aumentaram em relação às importações; tanto no comércio exterior de modo geral quanto no comércio exterior dos agronegócios. Esta pesquisa mostra que os agronegócios é o principal segmento de exportação brasileira, destacando

que é alto o patamar de competitividade adquirido pelo setor, no contexto da economia nacional, mesmo com tantos constrangimentos, principalmente o precário e insuficiente sistema de transportes que realiza o escoamento de toda a produção de grãos do interior do Brasil para os portos (GONÇALVES, 2005).

O detalhamento do perfil do comércio exterior dos agronegócios mostra da ótica da agregação de valor, entretanto, uma maior força dos produtos de menor valor agregado como os básicos, que ainda preponderam nas exportações, enquanto nas importações setoriais prevalecem os manufaturados. Nesse sentido, verifica-se ainda a prevalência do quantitativo sobre o qualitativo no avanço das transações externas dos agronegócios. Destaque-se que se pode notar um avanço das vendas e queda nas compras de manufaturados, mas em níveis que ainda não alteraram o perfil do comércio externo dos agronegócios nacionais; pois metade do que se vende consiste em produtos básicos e mais da metade do que se compra são manufaturados. Por certo há uma lógica no mercado internacional para que assim ocorra, mas, de qualquer maneira, a luta para alterar esse perfil, gerando mais empregos e agregando mais renda interna, representa elemento que deve estar sempre presente na formulação e execução de políticas comerciais e nas negociações internacionais. (GONÇALVES, 2005, p.49).

De acordo com Gonçalves e Souza (2008), “[...] dentre as diversas faces da agricultura, podemos dividi-la em duas grandes molduras, a agricultura industrializada e a agricultura de subsistência” (GONÇALVES e SOUZA, 2008, p.10). “Mas dentro dessas duas molduras estão presentes as práticas do âmbito familiar, configuram situações muito diferentes. Mas isso é muito complexo, pois essas duas grandes molduras estruturais não são encontradas na realidade de uma economia continental, assim nem tudo aquilo que não constitui familiar pode ser chamado de agronegócio. A agricultura não pode ser vista como um único, amplo e contínuo espaço produtivo onde se caracterizaria um bloco monolítico, mas sim uma ampla distribuição de agriculturas territoriais cada uma com sua dinâmica específica, mas à medida que seguem o fluxo de produção e consumo elas se convergem” (GONÇALVES e SOUZA, 2008).

A própria catálise desse processo inserido na lógica do grande capital implica em perfis diferenciados de agriculturas e agropecuárias regionais. Há que se estruturar políticas com concepções calcadas noutro desenho para formar medidas mais sintonizadas com heterogeneidade estrutural da realidade. Mais que a afirmação de conteúdos em posturas sectárias de negação mútua sem lastro na realidade, há que se compreender as diferenças estruturais inerentes às diversas agriculturas territoriais da economia continental brasileira. (GONÇALVES & SOUZA, 2008, p.12).

Nesse sentido o Brasil tem a soja como principal produto agrícola, que insere o país nos agronegócios, não somente pelo seu grande volume físico e financeiro, mas também pelas variadas formas de tecnologias de produção e pelas gerações e impulsões de vários setores: necessidade de administração especializada, fornecedores de insumos, máquinas, equipamentos, dentre outros (CERICATTO, LIMA e BATISTA, 2010). Com isso, o Brasil se encontra entre os maiores produtores desta oleaginosa tão significativa na agricultura. A soja produzida no Brasil é tanto para consumo interno quanto para externo, e sua maior utilidade é em função da produção do óleo de soja e o farelo de soja que serve como alimento para criações como bovinos, aves, etc. O complexo da soja poderia ser bem mais potencializado, caso o processo de escoamento da oleaginosa fosse mais eficaz, passando a utilizar ferrovias, hidrovias e não apenas as rodovias, que em muitos trechos não suportam o trajeto excessivo de caminhões, e se encontram em péssimo estado atrasando o transporte (CERICATTO, LIMA e BATISTA, 2010). Mas, ainda assim a soja acelerou o processo de mecanização do campo e foi um dos principais responsáveis pela agricultura comercial brasileira, contribuindo com a geração de empregos formais. O estado do Mato Grosso, em 2010, foi o maior gerador de empregos formais, pois ele também se destaca como o maior produtor de soja do país, seguido da Região Sul, isso mostra a importância desta produção para a geração de renda da população brasileira. O Brasil ainda se destaca no comércio exterior, resultado de investimentos em pesquisas e tecnologias que aumentam a produtividade da referida oleaginosa (CERICATTO, LIMA e BATISTA, 2010).

Segundo Campos (2010), a partir do ano de 1964, o Brasil passou por várias mudanças na agricultura, devido à dinamização e a modernização das técnicas neste setor, é nesse período que começa a disseminação da soja no território nacional e várias mudanças começam a ocorrer no espaço geográfico brasileiro, tanto em escala local quanto em âmbito nacional. Até o ano de 1980, o Brasil tinha como destaque em produção a Região Sul do país, porque até então os produtores brasileiros plantavam sementes específicas e apropriadas para a zona temperada do Brasil (CAMPOS, 2010). Logo após este período, vários fatores que impulsionaram a produção desta oleaginosa, dentre eles, a demanda de soja para a produção de ração para animais domésticos, criação de agroindústrias nacionais para processar a soja, produção de máquinas e implementos, melhorias no sistema de escoamento

da produção, e o principal fator que foi a implantação de órgãos de pesquisas públicos, em especial a EMBRAPA/Soja que desenvolve trabalhos de pesquisas contra pragas, e melhoramento genético de sementes, principalmente sementes que se adaptem as regiões com climas mais tropicais (CAMPOS, 2010).

Nesse contexto, a partir do final da década de 1980, por meio da expansão da fronteira agrícola brasileira, a Região Centro-Oeste teve papel fundamental no aumento da produção nacional, com topografia favorável para a prática da agricultura mecanizada, benefícios fiscais e valor da terra acessível. Com os resultados expressivamente positivos nos últimos anos a expansão da fronteira agrícola ganha ainda mais força chegando a alguns estados da região norte e nordeste, tendo como carro chefe a produção de grãos de soja. Assim, esta oleaginosa nas últimas décadas alcançou números elevadíssimos de produção, levando o país ao patamar de segundo maior produtor do mundo (CAMPOS, 2010).

Campos (2011) correlaciona a modernização da agricultura e a expansão da soja e enfatiza a produção no estado do Paraná, já que o mesmo se sobressai dentre os demais estados da Região Sul. As primeiras áreas que produziram soja no Paraná foram as Regiões Sul, Sudoeste e Oeste do estado, atraindo catarinenses e gaúchos a cultivarem o produto, a partir da década de 1960. Os resultados foram positivos e em meados dos anos 1980 a cultura tinha uma representatividade de quase 50% da produção total agrícola do estado do Paraná.

A Região Norte do estado passou a produzir a soja a partir dos anos de 1960, e no ano de 1970 já havia uma pequena produção em vários municípios (FRESCA, 2000).

Tudo indica que a soja é uma cultura que interessava tanto o governo, como latifundiários e a burguesia industrial, caso contrário, não teria uma expansão tão significativa nas últimas décadas no território nacional, pois o setor de soja teve status especial e mereceu grande atenção por parte dos formuladores de política econômica. Entre as diversas formas de transferência de recursos financeiros para o setor, é importante destacar o crédito agrícola, políticas de garantia de preço mínimo, programa de subsídio do trigo, as políticas de erradicação do café, incentivo da pesquisa agrícola, em especial a criação da EMBRAPA/Soja, os programas de ocupação do cerrado, preço uniforme do frete, entre outras. Na maioria das vezes, a soja foi a cultura mais beneficiada e todos esses elementos foram uma alavanca para a incorporação de muitas regiões pela soja e, conseqüentemente, o palco de transformações socioespaciais. Portanto, a configuração espacial do espaço rural e urbano, do Estado do Paraná, recebeu novos objetos geográficos (agroindústrias, cooperativas, bancos direcionados ao crédito rural, empresas de pesquisa agrícola, casas de comércio de insumos, escritórios para atender as mais variadas demandas da agricultura científica, maquinários, efetiva modernização e ampliação da

rede de transportes, estradas, portos e de comunicações) e novos arranjos (favelas, vilas abandonadas no campo, fim das festas rurais, migrações pendulares dos trabalhadores volantes, perda da solidariedade e coletividade entre as populações rurais e outros) (CAMPOS, 2011, p.188).

Bulhões (2005) faz uma análise da safra de soja do ano de 2003, fazendo uma relação com a agropecuária e a agroindústria no Paraná. A soja e o milho, respondiam por aproximadamente 38,2% do valor bruto de produção do estado, um número bem alto em relação aos outros setores. Devido à demanda de exportação da soja, e também a demanda interna, fica claro que apesar do Paraná ter uma produção diversificada, fez-se necessário uma especialização em torno da produção desta oleaginosa. O milho juntamente com a soja faz parte de um complexo de produção que fornece matéria-prima às agroindústrias, principalmente as que processam o óleo vegetal, ração, farelo e ainda movimenta a produção de máquinas e equipamentos agrícolas, insumos e fertilizantes, proporcionando uma geração de emprego e renda em praticamente todo o Paraná. Dessa forma, é evidente a importância da produção de soja e milho para a economia paranaense (BULHÕES, 2005).

Segundo a Agência Estadual de Notícias (2005), devido à grande área de cultivo da soja no norte do Paraná e às presentes oscilações na produtividade da região, se fazem necessárias discussões entre produtores, fornecedores, empresas de processamento e estocagem, empresas que comercializam fertilizantes e insumos e todos os envolvidos na produção da soja, para um melhor aproveitamento na produção desta oleaginosa. Com este objetivo o município de Alvorada do Sul-PR sediou o 3º Encontro Regional da Soja do norte paranaense, que abordou questões de como aumentar a produtividade, a rentabilidade e reduzir o impacto ambiental em quatro municípios: Bela Vista do Paraíso, Sertanópolis, Primeiro de Maio e Alvorada do Sul. O evento que foi realizado em 2005 e reuniu mais de 200 agricultores convidados, o evento foi promovido pelo governo do Estado e Prefeitura, executado pela EMATER e em parceria com a EMBRAPA/Soja e empresas privadas como Corol, Cocamar, Coodetec, Belagrícola, entre outras. Os municípios citados apresentam cerca de 80 mil hectares de terras com produção de soja, que são cultivadas por aproximadamente por 2.100 agricultores. No município de Alvorada do Sul são 440 produtores, uma área que totaliza 19,2 mil hectares de plantio, com uma produtividade média de 3.124 kg/ha. No evento ocorreram palestras sobre inovações tecnológicas no monitoramento de pragas (ferrugem da soja).

Foram instaladas na cidade de Alvorada do Sul-PR, empresas que prestam serviços de variados tipos, em especial para atender a demanda da produção de soja: dentre elas a filial da Belagrícola que atua diretamente no campo como provedora de soluções, preparo de solo e plantio, monitoramento de lavoura, fornecimento e aplicação de insumos, colheita, armazenagem e comercialização de safra. Existe também a Unicampo que é uma empresa local que trabalha com orientação técnica ao pequeno agricultor, também temos na cidade a Cocamar, que atua com estocagem e comercialização de produtos que são oferecidos aos agricultores do município.

Do ponto de vista bancário, a cidade conta com uma agência do Banco do Brasil que é responsável por financiar parcela da produção agrícola nacional. No entanto ainda faltam outras instituições de crédito como o Sicoob e Sicred, que ofertam créditos aos agricultores com taxas de juros menores. Em entrevista com um proprietário de um estabelecimento que atende o agronegócio, a Unicampo<sup>(1)</sup> com sede em Alvorada do Sul, o mesmo relata que faz prestação de serviço a pequenos e médios agricultores, auxiliando na hora de pesquisa de preços de insumos e fertilizantes; busca por melhor preço na hora de vender a produção, na época de plantação indica os procedimentos para a preparação de solo e posteriormente orienta o agricultor sobre a melhor hora para a aplicação de insumos. Ele ressalta que a soja é o grão mais plantado no município seguido do milho, e às vezes, trigo; essas três culturas são as principais, mas temos também em pequenas quantidades a criação de frangos, suínos, mas não é significativo, pois é mais para comércio local. Os clientes desta empresa são em maioria os pequenos agricultores, pois o município tem predomínio de pequenas propriedades; um pequeno agricultor na concepção do entrevistado é aquele que tem de 15 a 20 alqueires de terra e um médio agricultor aquele que tem de 20 a 50 alqueires.

Ele ainda comenta que a cidade atende essa demanda em parte, pois na venda de insumos e fertilizantes e estocagem de grãos a cidade atende as demandas; mas, na parte referente a maquinários e implementos agrícola, tem que recorrer as maiores cidades, no caso em Londrina, onde se encontra tudo que necessita principalmente os equipamentos maiores como colheitadeiras, tratores,

---

<sup>(1)</sup>Unicampo, Estabelecimento do Agronegócio, entrevista realizada em 05/07/14 na cidade de Alvorada do Sul-Pr.

plantadeiras, pulverizadores de venenos. Há ainda uma filial da empresa Belagrícola, que atua também no segmento oferecendo assessoria técnica ao produtor rural, auxiliando nas tomadas de decisões, como; escolha de cultura, melhor época de plantio e escolha de insumos, levando em consideração o grau de fertilidade do solo, época do ano; umidade e controle de pragas. A empresa ainda dispõe de infraestrutura de armazenagem, transportes e comércio de insumos agrícolas.

O entrevistado ainda faz uma reclamação destacando que outras instituições financeiras que atendem os agricultores, deveriam ser instaladas na cidade como o Sicoob e Sicred, para que o pequeno agricultor fosse mais bem amparado em relação às linhas de crédito.

#### **4. DINÂMICA DAS ATIVIDADES COMERCIAIS VAREJISTAS E DO LAZER.**

A cidade de Alvorada do Sul-PR apesar de ser uma cidade do agronegócio, depois da construção da Represa Capivara, também pode ser caracterizada a partir do lazer e o turismo devido às chácaras de lazer. Segundo Taschner (2000) existe uma dimensão de lazer em algumas formas de consumo, e também há uma dimensão de consumo no lazer. Isso se dá devido ao sistema capitalista que tem como princípio o acúmulo de capital, e uma das formas para que isso aconteça, são as formas de comércio e consumo, que estão intimamente ligadas com o lazer.

O lazer pode ser usufruído como forma de escape da rotina capitalista produtiva, seja industrial e em suas outras diversas esferas. Mas nas últimas décadas o lazer passou também a ser comercializado, principalmente com a chegada das tecnologias de telecomunicações intensificando o processo de propaganda e divulgação de espaços para lazer. Além disso, o lazer pode então servir como um agente potencializador do comércio devido a sua geração de demandas para o consumo de uma determinada região e cidade (TASCHNER, 2000).

No município de Alvorada do Sul-PR não está sendo diferente, uma cidade que antes tinha um comércio que atendia as demandas do campo e de sua população rural e urbana, hoje tem um comércio varejista e serviços voltados também para atender demanda de consumo gerada pelo lazer, que vem sendo

potencializado nas áreas de lazer criadas por loteadores. Tal processo deu origem às chácaras nas margens da Represa Capivara. Esse processo transformou a dinâmica do comércio varejista, aumentando o seu potencial de vendas, criando novas oportunidades, abrindo portas para microempreendedores e fortalecendo o comércio varejista local.

As chácaras de lazer geralmente são frequentadas aos finais de semana e feriados, momentos estes em que o comércio varejista é mais frequentado na cidade, sendo visível a importância do lazer para esta atividade.

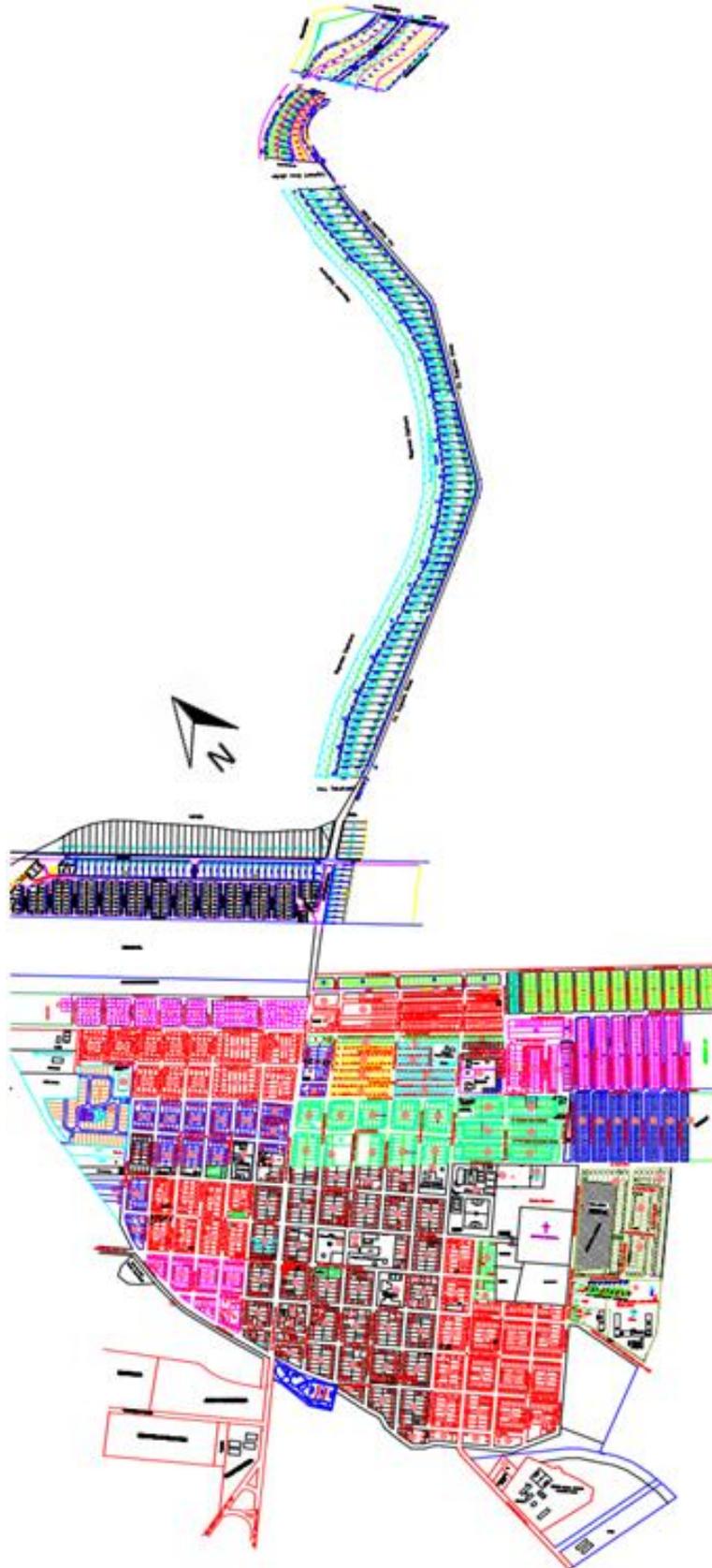
#### *4.1. Chácaras de lazer às Margens da Represa Capivara.*

O surgimento das chácaras de lazer em Alvorada do Sul-PR acontece a partir de 1997, com o loteamento Balneário Indianópolis do proprietário Kou Takahashi, o qual fez o desmembramento de suas terras às margens da represa, bem próximo à cidade, com uma área total de 187.673,71 m<sup>2</sup>, distribuídos em 72 lotes de tamanhos diferentes. Estes lotes foram vendidos por diferentes preços devido à área dos mesmos. Tal loteamento deu início as transformações destes espaços rurais às margens da represa. Com a iniciativa deste loteamento, o município passou a ser visto como lugar para lazer, mas em ritmo lento, devido aos poucos investimentos feitos até então.

Mas, assim que os lotes foram sendo vendidos, essa perspectiva de lazer foi aumentando entre os moradores e muitos alvoradenses acabaram por adquirir chácaras neste loteamento.

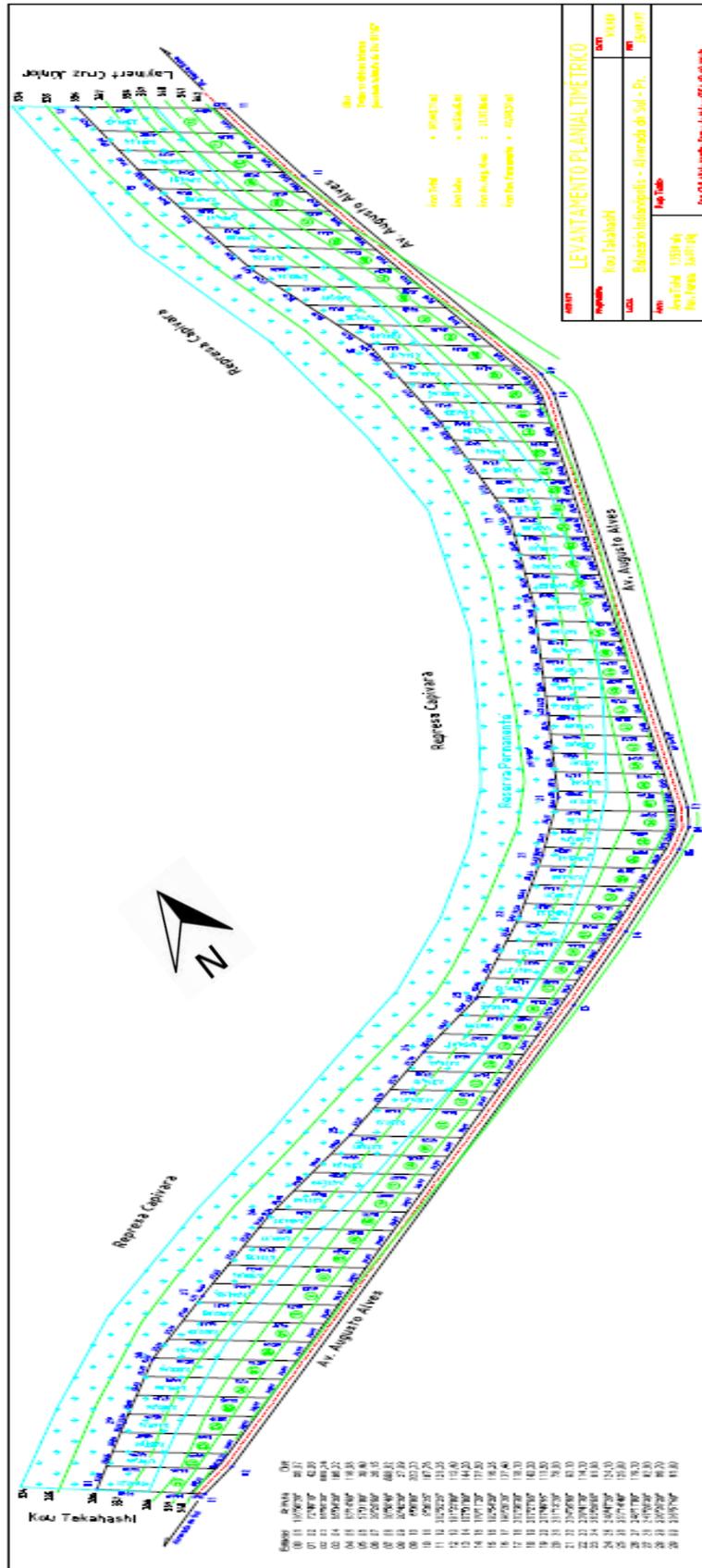
A figura 5 a seguir mostra a planta de levantamento planialtimétrico do primeiro loteamento de chácaras de Alvorada do Sul-PR e sua proximidade à cidade.

**Figura 5:** Planta da cidade de Alvorada do Sul-PR e a integração com os primeiros loteamentos de chácaras às margens da Represa Capivara, 1997.



**Fonte:** Acervo Construção e Incorporação XDal, 2014.

Figura 6: Loteamento Balneário Indianópolis – Alvorada do Sul-PR.



Fonte: Acervo Construção e Incorporação XDaI, 2014.

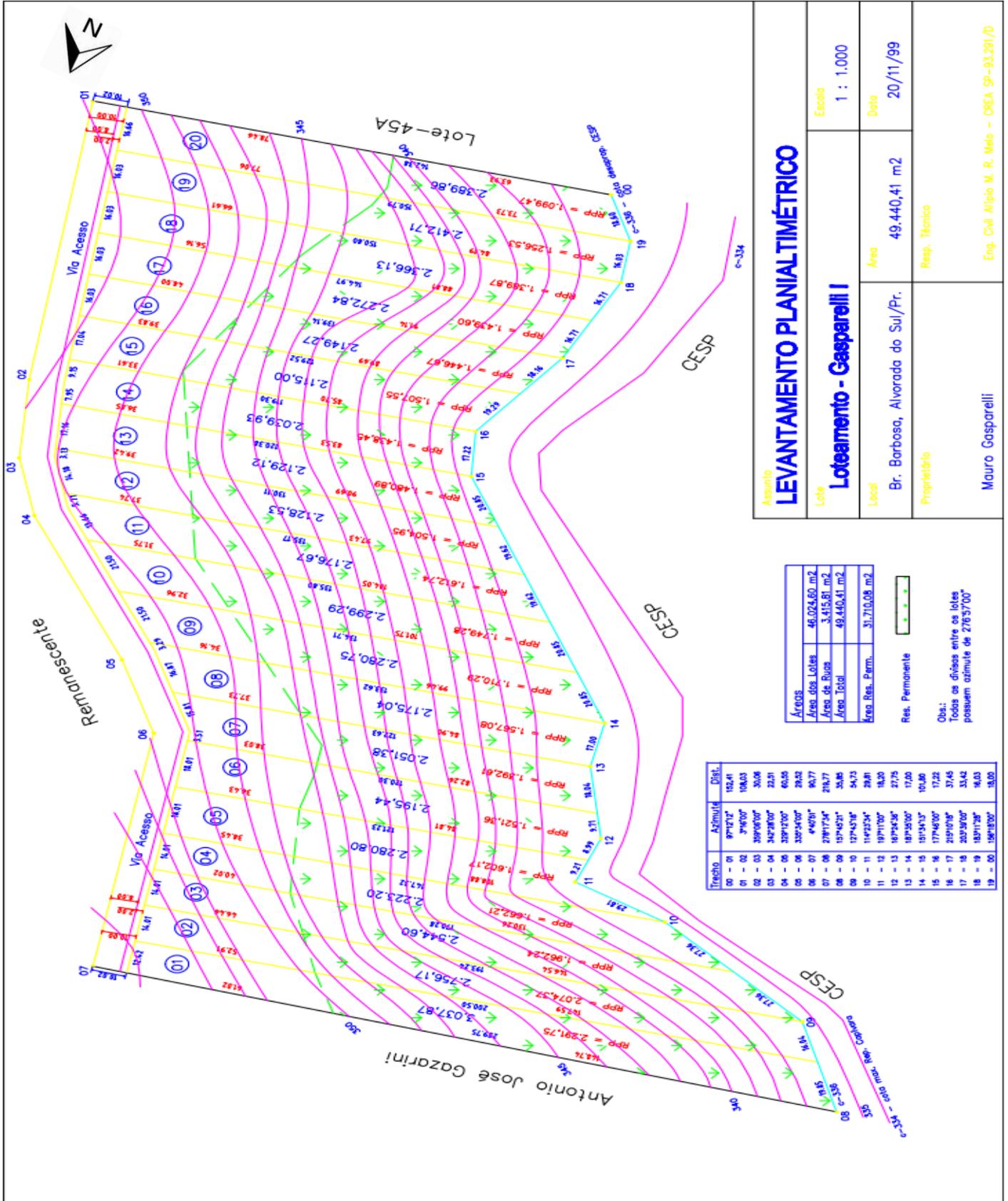
A figura 6 mostra a planta de levantamento planialtimétrico do primeiro loteamento de chácaras de Alvorada do Sul-PR o loteamento Balneário Indianópolis.

Verifica-se que este loteamento está adjuntamente localizado a cidade de Alvorada do Sul-PR e as margens da represa.

A partir deste loteamento outros passaram a ser feitos por agricultores que observaram o rendimento e que podiam ter. Cada lote dependendo de seu tamanho podia chegava ao preço de 20 mil reais, no final da década de 1990, quando o mercado imobiliário não estava tão valorizado. Esse preço é referente a imóveis sem infraestrutura. Esses primeiros lotes foram sendo comprados principalmente por moradores de Londrina-PR, os quais queriam sair da rotina da cidade e ter contato com o espaço rural, e assim seus proprietários foram construindo casas, piscinas, campos de futebol, etc., e ser implantada a infraestrutura. Com isso foram surgindo outros loteamentos, em outros lugares do município, alguns perto da cidade e outros mais distantes todos com a mesma lógica e finalidade do primeiro.

Em 1999 tivemos o loteamento Gasparelli 1 com 20 lotes, no bairro Barbosa, localizado a nordeste, após o loteamento Indianópolis, conforme figura 7.

Figura 7: Projeto do Loteamento Gasparelli 1 em Alvorada do Sul – PR, 1999.



Fonte: Acervo Construção e Incorporação XDal, 2014.

Na sequência houve vários outros loteamentos no município como, por exemplo, o Gasparelli 2 e 3, São Bento, Rosa Imperatore 1 e 2, Pedregulho, São Luís, Chapéu de Couro, Firmani, Piapara, Pícolo, Riviera do Poente, Riviera do Expoente, Tucunaré, Recanto dos Coqueiros 1,2 e 3, Recanto Rural e Recanto Santa Maria. Nos dias atuais estes loteamentos de chácaras em sua maioria já possuem casas, com muros ou cercas vivas, com vários equipamentos de lazer como campo de futebol, piscina entre outros. Alguns destes são até mesmo de luxo, e apenas uma chacara chega a custar R\$ 800.000,00, como é o caso de do condomínio Riviera do Poente.

Hoje existe apenas a XDal Construção e Incorporação<sup>(2)</sup> que é uma empresa que atua na cidade há cerca de quatro anos, e seus proprietários são do próprio município trabalhando com incorporação, construção e venda de imóveis, e em 2014 estão com obras de dois condomínios de chácaras em andamento. O dono da loteadora compra as terras dos proprietários rurais e posteriormente elaboram projetos de condomínios de chácaras para segunda residência.

Do ponto de vista da loteadora que atua no município, o comércio de chácaras está indo muito bem, devido à qualidade dos condomínios que estão sendo construídos, deixando-o de forma atrativa ao cliente e também devido às formas acessíveis de pagamento, com parcelamento em até 100 vezes. Ainda o maior público que estas chácaras atraem é de Londrina, mas também de Cambé, Ibiporã, Rolândia, Araçongas, Maringá e até mesmo de Alvorada do Sul, pois o que antes era somente usufruído por pessoas de outras cidades, principalmente pelas formas de pagamento acessível.

A loteadora ainda ressalta que, para maior fomento a esse comércio de chácaras é necessária a ação da prefeitura em expor as qualidades e potenciais turísticos da cidade, para que atraia mais pessoas. E também que melhore a segurança pública e infraestrutura nas chácaras. A loteadora está com dois condomínios em fase final de construção sendo um o Ana Bella que possui mais de 500m<sup>2</sup> de lago e lotes de 300 a 750m<sup>2</sup>, murado, lazer completo, churrasqueira marina, espaço gourmet, fitness, sala de jogos, playground, sauna, salão de festas, piscina adulto com raia, piscina infantil, quadra poliesportiva, brinquedoteca e garagem de barcos. Esses lotes chegam a custar R\$ 200,00 reais o m<sup>2</sup>. A figura 8 ilustra a planta do condomínio.

---

<sup>(2)</sup>XDal Construção e Incorporação, entrevista realizada em 12/07/2014 na cidade de Alvorada do Sul-Pr.

Figura 8: Condomínio Ana Bella, Alvorada do sul-PR, 2014.



Fonte: Acervo Construção e Incorporação XDal, 2014.

Já na figura a seguir podemos ver o espaço de lazer do Condomínio Ana Bella.

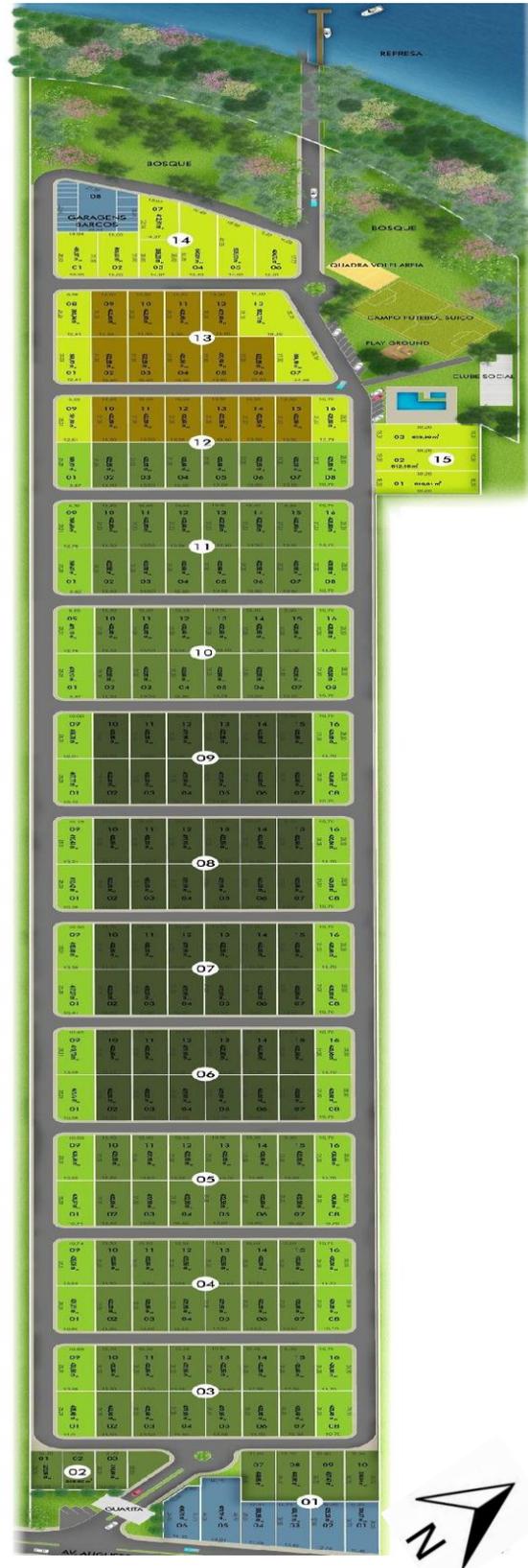
**Figura 9:** Área de lazer Condomínio Ana Bella, Alvorada do Sul-PR, 2014.



**Fonte:** Acervo Construção e Incorporação XDal, 2014.

O outro é o condomínio Brisas do Paranapanema (figura10) e está localizado a 400 metros de Alvorada do Sul e também às margens da Represa Capivara, com infraestrutura completa, contém Bosque e guarita de vigilância o que o diferencia do Ana Bella. O condomínio contém lotes que variam de 422 m<sup>2</sup> até 465 m<sup>2</sup> com um preço que varia de R\$150,00 reais o m<sup>2</sup> até R\$191,00 m<sup>2</sup>. Os dois condomínios tem um padrão construtivo onde é proibido que se construam muros internos. A seguir, as figuras 10 e 11 ilustram a planta do condomínio Brisas do Paranapanema.

**Figura 10:** Planta do Condomínio Brisas do Paranapanema, Alvorada do Sul-PR, 2014.



Fonte: Acervo Construção e Incorporação XDal, 2014.

**Figura 11:** Condomínio Brisas do Paranapanema, Alvorada do Sul-PR, 2014.

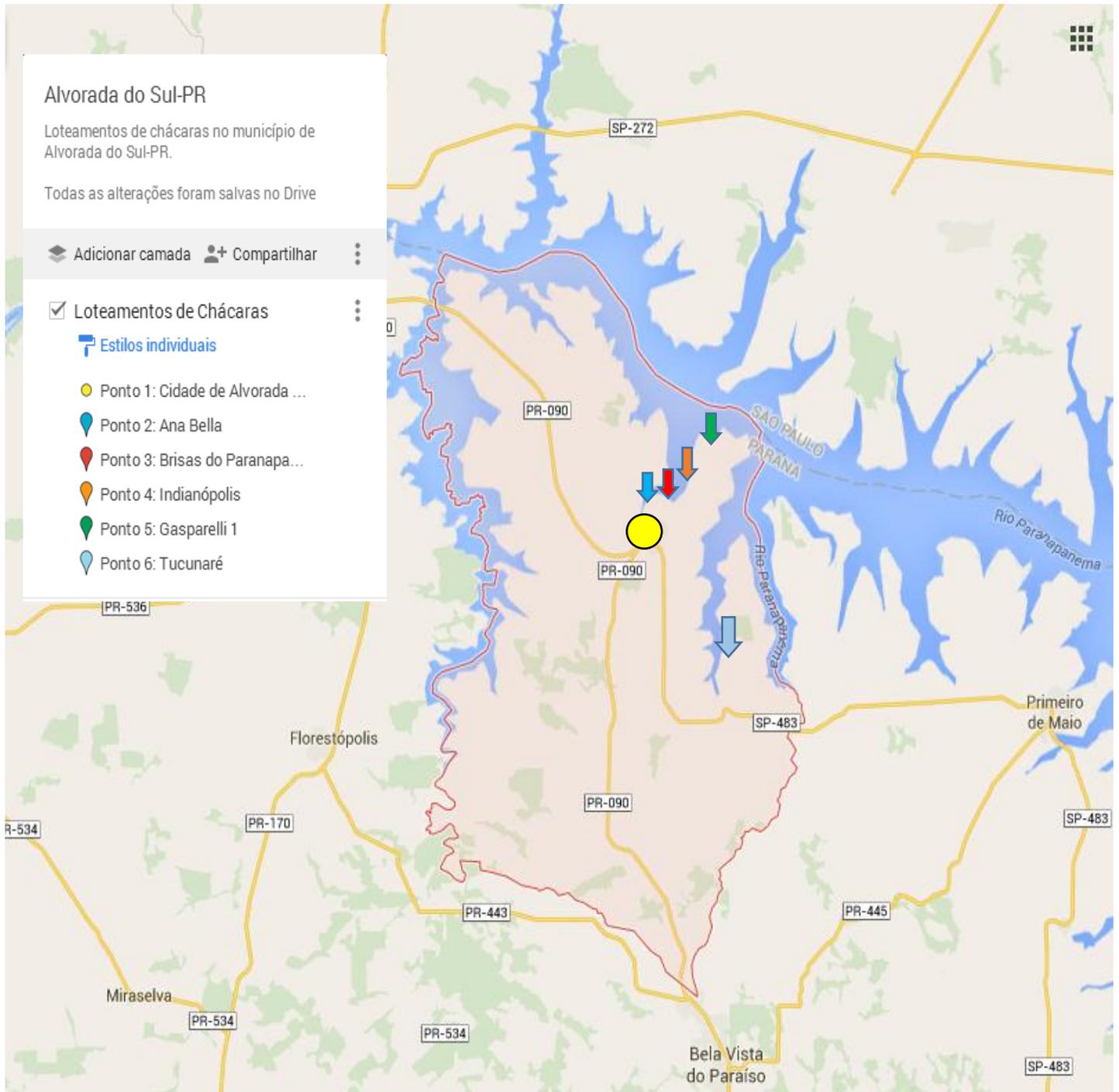


**Fonte:** Acervo Construção e Incorporação XDal, 2014.

Como podemos ver na figura 11 as chácaras de lazer estão localizadas entre a represa e área agrícola mostrando diferentes formas de ocupação desta área municipal.

O mapa a seguir (figura 12) mostra a localização dos loteamentos no município.

**Figura 12:** Localização de Loteamentos de Chácaras de Lazer no Município de Alvorada do Sul-PR-2015.



**Fonte:** Google Maps, 2015.  
**Org:** DIAS, 2015.

O mapa acima mostra (figura 12) apenas os loteamentos que se encontram com maior proximidade da cidade, ou seja, os que foram citados anteriormente.

Novas atividades passam a ser inseridas nesta área que era exclusivamente agrícola, como os loteamentos para turismo de segunda residência, um fenômeno

social, onde pessoas buscam descanso, recreação ou lazer (LEAL & MARQUES, 2009). Dessa forma criam uma série de inter-relações sociais e econômica, pois se trata de uma atividade de uso temporário, sem fins lucrativos imediatos por parte do usuário.

As atividades no campo se tornaram um desafio, principalmente para os pequenos proprietários, foi necessária a busca por alternativas para complemento de renda familiar. Uma delas é o turismo rural, que apesar de estar sendo realizada no campo é uma atividade não agrícola. Muitas vezes os produtores conseguem conciliar a atividade agrícola e não agrícolas, um fenômeno que é denominado pluriatividade, pois o que chama a atenção dos turistas rurais é justamente as características do campo, ou seja, criações de animais, riachos preservados, áreas verdes, entre outras singularidades (LEAL & MARQUES, 2009).

Dessa forma os usuários das chácaras encontram no campo, paisagens diferentes das de seu cotidiano, a sociedade então converte a natureza e os seus típicos espaços rurais em bens de consumo. Essa é uma atividade que na maioria das vezes conserva os costumes realizados no campo e práticas oriundas da agropecuária, como por exemplo, a produção de queijo caipira, bolos, doces, leite fresco dentre outros produtos de origem caseira, havendo assim uma conservação cultural, manutenção de patrimônios históricos, preservação natural, aproveitando ao máximo as particularidades destes ambientes. (LEAL & MARQUES, 2009).

O turismo desenvolvido no meio rural pode ser compreendido a partir de sua relação com algumas atividades de lazer em áreas rurais como, por exemplo, nas atividades de: turismo rural tradicional de origem agrícola; turismo rural tradicional de origem pecuária; turismo rural artesanal; turismo rural contemporâneo constituído pelo agroturismo e este pelos hotéis-fazenda, fazendas-hotel, spas rurais, campings e acampamentos rurais, e turismo de caça e pesca; turismo místico ou religioso; turismo científico-pedagógico; turismo rural etnográfico; ecoturismo, entre outras. (LEAL & MARQUES, 2009, p.13).

Nesse sentido de acordo com Antonello e Bernardes (2009) novas alternativas de atividades vão surgindo na divisão territorial, entre elas estão às chácaras de lazer, que em sua maioria se encontram nas margens de represas, e também próximos ao perímetro urbano. Dessa forma a autora caracteriza “[...] o novo rural brasileiro como um espaço rural penetrado pelo mundo urbano com velhos e novos personagens, novas funções, novas atividades, além da agropecuária e agroindústria” (ANTONELLO E BERNARDES, 2009). Isso se dá

como parte de um processo de repovoamento do espaço rural, como segunda moradia por aposentados ou para lazer, e esse processo gera movimentações socioeconômicas locais, como o turismo e fortalecimento do comércio, propiciando geração de emprego e renda a população local. As chácaras de lazer são de muito interesse ao governo local devido ao aumento de pagamentos de tributos (ANTONELLO E BERNARDES, 2009).

Em relação ao setor imobiliário, podemos dizer que é um segmento que está em incessante procura por áreas que possam tornar-se objeto de consumo, ou seja, procurasse por terras afastadas dos centros urbanos, constrói-se uma infraestrutura, a qual é capaz de atrair muitos compradores com a promessa de obter um espaço totalmente seguro, com muito verde, que auxilie no alívio das tensões diárias, entre outras. As pessoas, seduzidas pelo anúncio, acabam adquirindo esses lotes a fim de destiná-los ao lazer familiar. (ANTONELLO e BERNARDES, 2009, p.136).

Afirma Larrabure (2009) que, com a necessidade de produção de energia, foram construídas várias usinas hidroelétricas, principalmente nos rios que delimitam o território do estado de São Paulo. No rio Grande na divisa com Minas Gerais e rio Paranapanema que delimita São Paulo e Paraná formaram-se represas ao longo dos cursos destes rios, onde milhares de hectares de terras foram cobertos pelas águas. “Mas em contrapartida com o passar dos anos houve uma valorização das terras que margeiam estas represas, pois possibilitaram a prática do lazer, recreação e a ocorrência do fenômeno da segunda residência que também é chamado pela autora de subúrbios de veraneio, já que os proprietários são famílias provenientes de centros urbanos próximos a estes espaços” (LARRABURE, 2009).

As segundas residências são alojamentos turísticos particulares, utilizados temporariamente nos momentos de lazer, por pessoas que têm domicílio permanente em outra localidade. Essa modalidade de turismo é conhecida também como veranismo, um movimento de visitantes em busca de aproveitar praias, mar e rios. Caracterizam-se pela procura dos turistas (veranistas) em se hospedarem em residências particulares (próprias, de amigos, de parentes ou alugados por temporadas) ao invés da estrutura hoteleira. Além disso, é um fenômeno periódico, isto é, as pessoas procuram geralmente os mesmos lugares durante as férias ou feriados prolongados. Uma vez que essas áreas no interior do Brasil possuem características semelhantes aos que encontramos nos subúrbios (como a baixa densidade de ocupação, casas e condomínios de luxo e proprietários de classe média alta) e são utilizadas por turistas para fins recreativos, julgamos oportuno o emprego do termo ‘subúrbios de veraneio’ (LARRABURE, 2009, p.94).

Se tratando de residências secundárias, Assis (2003) coloca que são mais que um simples local de lazer e turismo de fins de semana e férias, mas sim um investimento em terras com um forte poder de agregação de valor. Isso pode variar de imóvel para imóvel, da região em que está inserida e conservação do mesmo. A cidade ainda continua sendo o centro das atividades sociais e outras diversas funções, mas a maioria delas não oferecem condições para o uso do tempo livre dos trabalhadores e nem o contato com a natureza, principalmente as maiores cidades. Dessa maneira as regiões periféricas metropolitanas passaram a ser as áreas mais procuradas para investimentos deste tipo. A segunda residência faz do fim de semana um período de escape das horas de trabalho exercidas durante a semana, isso gera movimentos pendulares entre a residência principal para a segunda residência, feito geralmente com veículos próprios, exigindo uma infraestrutura adequada. Não é regra essas residências serem nas proximidades da casa principal, isso vai depender da qualidade e possibilidades dos meios de transporte.

Segundo Arruda (2013), desde os fins do século XIX quando o mundo se tornava urbano-industrial o homem encontra necessidade de um tempo livre para descansar do trabalho “Ao longo do tempo foram se conquistando benefícios trabalhistas e umas das maiores conquistas foram às férias pagas. Mas, logo depois disso o tempo livre do trabalhador passou a ser uma mercadoria também, surgindo então nas últimas décadas a chamada sociedade do lazer, do lazer-consumo onde são comercializadas as viagens de férias” (ARRUDA, 2013, p. 296).

Nesse sentido, podemos afirmar que o tempo é um fator fundamental para o lazer, ou seja, o tempo não trabalhado é investido em práticas turísticas, uma dessas práticas são as residências secundárias que na maioria das vezes estão localizadas no litoral ou em chácaras de lazer as margens de alguma represa e são locais que passam por investimentos turísticos. Estes investimentos na maioria das vezes são aplicados em lugares calmos, onde se pode ter contato com árvores, pássaros, ou qualquer outro tipo de lugar ligado à tranquilidade, justamente para rios refúgio do barulho da rotina dos centros urbanos industrializados (ARRUDA, 2013).

Dessa forma este fenômeno está ligado à apropriação da natureza, onde são construídos espaços de desejo, que foram ou certamente seriam utilizados para produção agrícola, mas que passam a satisfazer os sentimentos de necessidade de lazer da sociedade. Esse tipo de turismo como qualquer outro causa impactos positivos e negativos, podendo causar conflitos entre moradores e chacareiros, mas

na maioria das vezes existe uma cooperação entre os dois, justamente pelo fato de esta atividade movimentar atividades econômicas locais, como; comércio varejista, serviços entre outros (ARRUDA, 2013, p.303).

O autor ainda destaca as transformações espaciais na área rural do norte do Paraná ocorridas principalmente as margens do rio Paranapanema e Tibagi, quando a partir de meados da década de 1970 começaram a ser construídas hidrelétricas em seus cursos d'água, posteriormente tendo diversos loteamentos de chácaras de lazer construídos em suas margens (ARRUDA, 2013).

Munhos (2007) fez um estudo sobre uma área no município de Alvorada do Sul-PR, onde se encontra agrupado um conjunto de sítios de proprietários descendentes de imigrantes italianos, pioneiros do município. O estudo envolve discussões sobre a história deste local denominado bairro do “Ribeirão Vermelho” e as atuais transformações ocorridas no mesmo pelos loteamentos de chácaras de lazer. Dessa forma pessoas de outras cidades passaram a frequentar o bairro todos os fins de semana em busca de lazer e descanso, e alguns passaram a residir definitivamente, geralmente aposentados que querem se inserir no cotidiano do campo em meio aos sitiantes.

Embora a procura pelas chácaras do bairro Ribeirão Vermelho seja acionada pelo interesse comum em utilizar o espaço como local de lazer, os usos das chácaras são distintos entre o grupo. Foi possível identificar que alguns chacareiros são aposentados ou estão para se aposentar. Estes, geralmente, são de origem rural, mas quando jovens foram para a cidade e agora vislumbram a possibilidade de voltar para a terra. Eles cultivam algumas lavouras para o consumo próprio, como: mandioca, milho, abóbora, quiabo, hortaliças e árvores frutíferas em áreas de aproximadamente 1.000 m<sup>2</sup>. Costumam ir para a chacara todos os finais de semana e pretendem se mudar para ela. Esses chacareiros enfatizam o ‘gosto de mexer na terra’ e ‘ter um pedacinho para plantar’. Em seus discursos, eles demonstram-se insatisfeitos com a vida na cidade, em particular, com o barulho e a violência. Nesse sentido, o que mais destacam como atrativo da chacara é o sossego. Esses estão interessados no ‘modo de vida’ dos sitiantes e associam suas práticas na chacara a esta representação. Outros chacareiros dizem que vão para o lote, essencialmente, para ‘comer, beber cerveja e ouvir música’ (geralmente com o volume alto). Esses, na sua maioria são de origem urbana. Muitos deles também dizem estar à procura de sossego. Mas, o que parece mais evidente é a busca pela ‘privacidade’ que a chacara lhes proporciona. Outra de suas justificativas é poder ‘sair da cidade’ e ‘esquecer os problemas do cotidiano’. Eles costumam passear de barco e pescar com mais assiduidade do que o grupo anterior (MUNHOS, 2007, p.27).

Com esse estudo conseguimos observar que esse processo de transformação e investimentos nas margens da Represa Capivara, também traz

mudanças sobre a cultura local, pois são introduzidos novos hábitos e costumes, mas por outro lado alguns dos moradores mais antigos, encontraram nos chacareiros oportunidades, sendo que essas pessoas auxiliam na economia dos sítios ainda existentes, consumindo produtos como galinha caipira, ovo caipira, queijo fresco e queijo, contribuindo para a renda familiar dos sitiantes. Na figura 13 conseguimos observar a apropriação dos loteamentos a margens da Represa Capivara.

**Figura 13:** Loteamentos às Margens da Represa Capivara em Alvorada do Sul-PR, 2014.



**Fonte:** Acervo Construção e Incorporação XDal, 2014.

De acordo com a Xdal Construção e incorporação, estima-se que o município de Alvorada do Sul-PR no ano de 2014 tenha aproximadamente 3.000 chácaras de lazer. Nesse sentido, supondo que aos finais de semana duas pessoas visite cada chácara, temos um total de 6.000 pessoas, o que equivale um aumento de 66% da população urbana do município.

Com essa estimativa pode-se ter ideia de como as chácaras de lazer se colocam como importante para a cidade, criando maior demanda em relação ao comércio varejista local.

#### *4.2. Comércio Varejista para o turismo.*

Em uma cidade pequena onde a quantidade de estabelecimentos industriais é restrita, estando suas principais atividades relacionadas aos agronegócios, o comércio varejista se torna muito importante, ao passo que o mesmo vai atender as necessidades básicas das pessoas. Quando ocorre um processo de potencialização do turismo local, acontece também certa expansão do comércio varejista que, passa a atender uma demanda muito maior que antes.

O comércio varejista atende necessidades básicas da população e vai até as que não são básicas, uma prática de comércio que está diretamente ligada ao consumidor final, junto a isso existe todo um planejamento de comércio que parte dos comerciantes, fornecedores e por governantes locais (VARGAS, 2005) “Ao longo da história, o comércio varejista passou a agregar novas ações a fim de melhorar o desempenho do mesmo, dessa forma surge o marketing que amplia a visão do significado do mercado, com planejamentos estratégicos para atingir um determinado público” (VARGAS, 2005).

Surge também o setor de propaganda e publicidade que nada mais é do divulgar os diversos produtos presentes no comércio varejista. A presença deste comércio propicia empregos diretos e indiretos, ampliando a variabilidade de produtos, favorecendo a concorrência, valorizando o mercado imobiliário, aumentando o fluxo de pessoas e de mercadorias, e ainda possibilitando o abastecimento de alimentos, vestuários, remédios etc. (VARGAS, 2005).

Segundo Faleiros (2009), o setor varejista tem um merecido destaque na economia nos últimos anos e uma das razões é a geração de empregos, em geral para mão-de-obra não qualificada, que de certo modo compensa o desemprego na indústria. O comércio varejista se desenvolveu em maior escala nos anos de 1990, e isso fez com que ele se estruturasse como grandes grupos, gerando uma maior concorrência de atração ao consumidor, fazendo com que isso reflita nos preços finais, ou seja, em benefício do consumidor. Este setor da economia tem a capacidade de gerar um canal direto entre a produção

e o consumo, sem contar que o desenvolvimento positivo deste setor favorece a indústria, fornecedora de boa parte dos produtos por ele oferecido. Este comércio é heterogêneo e envolve bens duráveis (eletrodomésticos, moveis) e não duráveis como alimentos e remédios, e depende muito de variações das massas salariais.

Para Cleps (2004), o comércio varejista sempre ocupou um local estratégico na cidade e sempre se localiza para aproveitar-se da concentração populacional; a localização é um pré-requisito para se instalar um comércio, mas por outro lado o comércio também pode criar novas centralidades, pois ao longo da história as atividades econômicas sempre tiveram lugar de destaque dentro da cidade (CLEPS, 2004). “E para que se desenvolva esse comércio é preciso atrair o mercado consumidor, isso depende muito da população residente; da atração física da loja; e ainda deve-se levar em conta a acessibilidade (vias e meios de transportes); potencial de crescimento, aspectos microeconômicos e ainda focar no papel do consumidor, enfatizando o seus comportamentos, hábitos de compras e qualidade no atendimento. É preciso estudar e analisar os melhores preços, redução no custo de transportes, a periodicidade e a tecnologia disponível”. A autora ainda diz que o comércio varejista cria novas territorialidades e descentraliza os centros urbanos, fazendo com que as cidades se expandam (CLEPS, 2004).

O comércio varejista apresenta variados tipos de empresas, de diversos tamanhos e complexidades: hipermercados, supermercados, lojas de departamentos, pequenos estabelecimentos como padarias, minimercados e bares, estes são chamados varejo com loja. Mas nos dias atuais com as tecnologias de informação temos o varejo sem loja, ou varejo virtual que tem crescido muito no Brasil (MACEDO, 2005).

O varejo é o tipo de empresa ou negócio que tem como uma das principais características estar relacionado diretamente ao cotidiano das pessoas, das comunidades, das regiões, enfim, da sociedade brasileira. Em todas as localidades do país existe algum estabelecimento de comércio que vende bens e serviços ao consumidor final e que, normalmente, tem uma ligação íntima com uma região e com a própria cultura local (MACEDO, 2005, p.57).

Os anos 1990 foram marcados por crises excessivas, que obrigaram as empresas brasileiras a efetuar uma reestruturação para conseguir se igualar competitivamente as empresas nacionais internacionais. Esta crise foi promovida pela abertura comercial dada ao capital estrangeiro financeiro, industrial, comercial e

de serviços, juntamente com as políticas de câmbio sobrevalorizado e de juros altos, e no comércio varejista não foi diferente. Nesse sentido o varejo brasileiro passou a empregar inúmeras novas atividades, inserindo no setor um grau de sofisticação que até algumas décadas atrás não se utilizava, tais como, a logística de distribuição de mercadorias; a introdução da automação e tecnologias, aplicação do mix de mercadorias entre outros fatores que impulsionaram essa reestruturação (ESPÍNDOLA & BASTOS, 2005).

A indústria passou a participar do processo de impulsão do comércio varejista, subsidiando decorações de setores das lojas e supermercados, passando também a disponibilizar promotores de vendas que organizam gôndolas, destacando determinados produtos. Dessa forma destacando-o e atraindo ainda mais consumidores e conseqüentemente aumentando e favorecendo a produção industrial.

Mas nos anos 1990 outro fator determinante no Brasil, foram as forças neoliberais impostas principalmente pelos EUA, que levou o país a receber diversas multinacionais varejistas, tendo como destaque os hipermercados e implantação e aquisições de shoppings centers que se instalaram a princípio nas principais cidades do país. O Brasil se apropriou do modelo de comércio varejista americano, desenvolvendo forte estímulo a sociedade brasileira de consumir cada vez mais. Podemos tomar como exemplo os postos de gasolina que já estão acompanhados com conveniências e farmácias, e os hipermercados que estão acompanhados de lojas de eletrodomésticos e praça de alimentação, e é claro os shoppings-centers que conseguem suportar todas estas funções em uma mesma estrutura física (ESPÍNDOLA & BASTOS, 2005).

Verifica-se a também positiva iniciativa do BNDES de abrir linha de crédito para o setor comercial, que somou, em 2000, mais de um bilhão de reais para a implantação, expansão e modernização das lojas e construção de centros de distribuição em diversos estados do país. Contudo, quando se analisa a origem das empresas beneficiadas consta-se que foram principalmente as estrangeiras e as maiores redes brasileiras as privilegiadas com empréstimo e que, recentemente, foram as principais responsáveis pelas aquisições de inúmeras redes brasileiras, tais como o Bompreço e G. Barbosa, da Holandesa Royal Ahold; as portuguesas Sonae que opera com as bandeiras Big, Mercadorama, Nacional, Cândia e Maxxi e o grupo Gerônimo Martins, ex-proprietário da rede Sé e o Makro Atacadista da Holanda; as nacionais beneficiadas foram Companhia Brasileira de Distribuição que opera com bandeiras Pão de Açúcar, Extra, Eletro e Barateiro, as Casas Sendas Comércio e Indústria presentes no mercado com as bandeiras Sendas, Bom Marché e Mais em Conta e as modestas redes Modelo-MT e Gonçalves-RO (ESPÍNDOLA & BASTOS, 2005, p.57).

Segundo SEBRAE (2004) este setor geralmente compra produtos diretos do produtor ou do setor atacadista em grande escala, para posteriormente vender diretamente ao consumidor em pequena escala, de forma que consiga gerar uma margem de lucro. O varejo é um elo importantíssimo na cadeia formada entre os produtores, atacadistas e o consumidor final, e essa cadeia vai elevando o preço ao produto até que chegar às mãos dos consumidores. “Mas o comércio varejista moderno traz vários benefícios aos consumidores, dentre eles, concentrar diversas mercadorias de diferentes fabricantes em um mesmo estabelecimento, além de o comerciante poder fazer um grande estoque de mercadorias, proporcionando ao cliente itens no momento em que é solicitado, tornando desnecessário o estoque que antes era feito pelo consumidor em sua residência” (SEBRAE, 2004).

O comércio varejista vem se fortalecendo muito, não somente no Brasil, mas em todo o mundo, com destaque principalmente para o setor supermercadista que vem crescendo expressivamente nos últimos anos. Podemos constatar isso quando sabemos que o Carrefour, Wal Mart e Pão de Açúcar dominam cerca de mais de 40% do faturamento do varejo alimentar do país (SEBRAE, 2004).

No Brasil o comércio varejista nunca teve qualquer forma de restrição à concorrência ampla e global, ao contrário de diversos países que criam várias estratégias e mecanismos, favorecendo e protegendo os empreendedores locais. Dessa forma os varejistas brasileiros sempre tiveram que ser competentes o bastante para concorrer e expandir os seus negócios. Mas isso também favoreceu este setor de certa maneira, pois os fizeram mais maduros, competitivos e autossustentáveis (SOUZA, 2009). Países como China e Índia são protecionistas nesse sentido e tentam inibir ao máximo a entrada de empresas varejistas multinacionais principalmente hipermercados que possam afetar os negócios dos varejistas locais. O varejo moderno brasileiro tanto de empresas locais quanto internacionais está em busca de respeito e apoio fiscal e nesse sentido levando em consideração que o setor é o segundo maior empregador do Brasil; através dele alto volume de impostos são arrecadados todos os anos além de outros fatores que somados a isso tornam o varejo um setor importantíssimo para a economia brasileira (SOUZA, 2009).

O setor formal do varejo brasileiro tem apresentado uma consistente contribuição para o crescimento do emprego e poderia fazer muito mais, se fosse igualmente apoiado na sua constante modernização, na incorporação

das melhores práticas para todas as empresas, no combate ferrenho à informalidade, mais corretamente, ilegalidade, e no estímulo à sua modernização. Sempre é bom comparar que o emprego formal gerado por apenas dois grupos varejistas, Casas Bahia e Pão de Açúcar, é hoje superior a todo emprego gerado pela automatizada e robotizada indústria automobilística brasileira. (SOUZA, 2009, p.2).

O comércio varejista é classificado em dois grandes ramos; o alimentício e o não alimentício, e ainda podemos subdividi-los em diversos seguimentos e dimensões, desde os menores estabelecimentos familiares até as grandes organizações como redes de hipermercados e lojas de departamentos; existem aqueles que podem exercer variadas funções, com vendas de um único produto ou de diversos. Na contemporaneidade as grandes redes de hipermercados e supermercado estão disputando lugar no mercado com muitos estabelecimentos de pequeno e médio porte, fazendo com que muitos destes fechassem as portas, e isso se dá pela quantidade de produtos ofertados pelas grandes empresas (BLUM, 2006).

O norte do Paraná, e especialmente a cidade de Londrina conta com várias redes de supermercados tanto de capital regional quanto internacional, entre eles estão Viscard, Musamar, Super Muffato, Condor, Carrefour, Golfinho e Walmart; também conta com diversas lojas de departamento como C&A, Lojas Americanas, Pernambucanas, Riachuelo, Renner entre outras. Isso sem contar os micros e médios estabelecimentos que fazem toda a diferença no momento de atender as demandas consumidora, tanto local quanto de outras regiões. Dessa forma os empresários de pequeno porte fazem negociações com grandes atacadistas e industriais com suporte e reuniões, através da rede ALES – Associação Londrinense de Empresários Supermercadistas, criada em 1992. Com isso trocam informações, montam estratégias de mercado, fazem compras em conjunto para conseguirem melhores preços, investem juntos e desta forma somam forças para vencer os obstáculos do mercado (BLUM, 2006).

Na chamada 'década perdida', os anos 1980, o varejo de alimentos não foi significativamente afetado, mas o consumidor presenciava constantes remarcações devido à inflação. Já as lojas de departamentos e os bens de consumo duráveis experimentaram uma forte retração até a década de 1990. O Plano Real trouxe a estabilização econômica, o aumento do poder aquisitivo, a possibilidade de planejamento nas compras e uma nova camada consumidora: as classes C e D. A partir de então aumentou a venda de produtos eletroeletrônicos, porém durou até a crise asiática de 1997. É a partir dos anos 1990 que a atividade comercial varejista

concentra-se, grandes redes mundiais passam a atuar no país, a concorrência acirra-se, assim como as aquisições e fusões. É o fim de algumas grandes redes que não conseguiram adaptar-se, competitivamente, ao novo panorama e acabaram por fechar, como as Lojas Arapuã, Mesbla, Hermes Macedo, e Lojas Brasileiras. As lojas de departamento e as de eletroeletrônicos passam a perder parcela de seu mercado para os hipermercados, que venderam um mix de produtos que incluem móveis e eletrodomésticos. É, também, o período da reestruturação, em que as empresas comerciais devem se tornar mais competitivas através de mudanças financeiras e mercadológicas, em logística, no quadro de funcionários e na informatização de suas operações. (BLUM, 2006, p.121).

O comércio varejista também atende consumidores de Alvorada do Sul-PR. Mas com a chegada dos loteamentos de chácaras o comércio de Alvorada do Sul-PR passou também a atender as pessoas de Londrina e isso tem se potencializado a cada dia devido ao aumento do turismo de segunda residência. O comércio varejista alimentício foi o que mais cresceu, novos supermercados foram abertos nos últimos anos e os antigos ampliaram o seu espaço de venda passando também a abrir aos finais de semana, para melhor atender este público.

Em entrevista com o comerciante do estabelecimento Mercado Tucunaré<sup>(3)</sup> foi possível confirmar que seu maior público são os chacareiros, chegando a ser 70% de seus clientes, e que nem sempre ele teve os produtos que eles precisavam, mas ao longo do tempo foi se adequando a essa clientela. O seu estabelecimento abre todos os domingos e feriados; ressalta que sem os chacareiros o comércio não seria o mesmo, principalmente no verão, época em que a cidade é mais frequentada. Ainda lembra que o diferencial é que eles sempre pagam em dinheiro suas compras. O comerciante diz que, para maior desenvolvimento do comércio varejista é necessário menores preços, uma dificuldade para os pequenos comerciantes que compram em pequenas quantidades não conseguindo menores preços junto a atacadistas ou diretamente das indústrias. Outro ponto negativo no último ano é o aumento de assaltos nas chácaras, diminuindo relativamente o fluxo de chacareiros, forçando há alguns a vender suas propriedades e outros a frequentarem menos, o que tem refletido nas vendas. Mesmo assim o comerciante tem expectativas boas, pois está construindo um novo prédio para seu estabelecimento, com maior área de venda, para garantir a atratividade e conforto de seus clientes.

---

<sup>(3)</sup>Mercado Tucunaré, entrevista realizada em 13/07/2014 na cidade de Alvorada do Sul-Pr.

Já em entrevista com o comerciante do estabelecimento Mercado dos Gêmeos<sup>(4)</sup>, ele afirma que durante toda a semana a população local é a que mais frequenta o mercado e quase não se vê chacareiros, mas nas finais de semana chegam também aos 70% de chacareiros em seu estabelecimento. Ele relata que os chacareiros procuram alguns produtos que ainda não estão à venda em seu mercado, mas que pretende incluir os mesmos para satisfazer seus clientes. Seu estabelecimento abre todos os finais de semana devido à presença dos turistas e segundo ele se não houvesse esses clientes suas portas já estariam fechadas há muito tempo. Ele ainda diz que no verão o aumento de pessoas de outras cidades é grande e que a forma de pagamento mais utilizada é em dinheiro e cartão débito, ou seja, a vista o que favorecendo muito o seu comércio, pois a maioria dos clientes locais ainda compra a prazo e alguns têm muita dificuldade em pagar.

Ao contrário do entrevistado anterior, segundo ele as vendas somente têm aumentado nos últimos dois anos desde quando adquiriu o estabelecimento, e acredita que a cada dia que passa aumenta mais, pois quem já frequentou estas chácaras sempre volta e com mais pessoas acompanhadas. O entrevistado tem planos em aumentar o seu açougue, complementando uma câmara fria para um maior estoque de carnes, comprar ilhas refrigeradas para expor congelados e aumentar a variedade de verduras e legumes.

Os dois entrevistados do ramo alimentício seguem as mesmas características de relato, o que nos comprova presença importantíssima dos chacareiros para esse ramo do comércio varejista. Na contrapartida o setor de comércio de vestuário faz outros relatos. Em entrevista com a comerciante do estabelecimento DM Loja<sup>(5)</sup> podemos afirmar que apenas 20% de seus clientes são chacareiros e o restante se trata da população local. Os poucos chacareiros que frequentam a loja procuram vários produtos que não é vendido na mesma, mas mesmo assim eles não têm a intenção de aumentar a sua gama de produtos, pois acham que já é o suficiente para atender a necessidade local. O estabelecimento há algum tempo atrás ficava aberto o dia todo aos sábados, hoje se mantém aberto até ao meio dia, o que refletiu de forma moderada nas vendas. A proprietária acredita que os chacareiros fazem toda a diferença para o comércio local, mas em sua loja nem tanto assim. Segundo ela, a forma de pagamento mais utilizada pelos chacareiros é em dinheiro e cartão de crédito, mas que a população local ainda

---

<sup>(4)</sup> Mercado dos Gêmeos, entrevista realizada em 13/07/2014 na cidade de Alvorada do Sul-Pr.

<sup>(5)</sup> DM Loja, entrevista realizada em 19/07/2014 na cidade de Alvorada do Sul-Pr.

depende do crédito, e que a loja vem vendendo mais a cada ano, mas a ausência da associação comercial é muito grande e que promoções comerciais feitas pela associação de forma mais bem elaborada aumentaria ainda mais esse quadro.

O comércio de peças automotivas se enquadra nas características fornecidas pela loja de vestuário, pois em entrevista com o comerciante do estabelecimento Auto Elétrica e Auto Peças São Luiz<sup>(6)</sup> podemos também afirmar que a porcentagem de clientes chacareiros não passa dos 20% e que sua demanda é mais local, principalmente para atender os agricultores. O estabelecimento fica aberto de segunda a sexta e os sábados até ao meio-dia que o fluxo de seus clientes tanto de outras cidades quanto local se encontra estável já há algum tempo, tendo um leve aumento no verão. O proprietário do estabelecimento sugere que para ampliar o comércio da cidade se desenvolva mais ainda, tem que se melhorar o atendimento, aumentar a divulgação do comércio, pois o comercio local possui muitas qualidades que devem ser divulgadas. Mas ele ressalta que a tendência é que aumente o fluxo e consumo de chacareiros, por que a cidade vem se adaptando a esse público, inclusive afirma que pretende aumentar sua oficina, criando um Auto Center de alinhamento e balanceamento de veículos e suspensão em geral.

Em entrevista junto ao comerciante do estabelecimento Casa das Tintas<sup>(7)</sup> foi possível constatar que o público de seu estabelecimento que oferece materiais de construção é dividido entre chacareiros e população local, mas que aos finais de semana e feriado há um aumento significativo de chacareiros. O estabelecimento permanece aberto de segunda à sexta feira e aos sábados até ao meio dia, mas os chacareiros sempre solicitam que fique aberto o dia todo. Comenta que se não houvesse as chácaras o rendimento não seria o mesmo e nem haveria tantos estabelecimentos de venda de materiais de construção, pois no momento a cidade tem cinco comércios deste segmento que foram abertos recentemente. O comerciante relata que a época do ano com maior fluxo dessas pessoas é no verão e em qualquer feriado do ano, e que a maior vantagem é que são bons pagadores, mesmo quando compram a prazo. E reclama que muitas pessoas deixam de comprar no comércio local devido o preço que difere de Londrina em alguns produtos, e que a entrega destes produtos aos chacareiros é dificultada devido às vias de acesso até as chácaras. O estabelecimento foi o primeiro deste segmento

---

<sup>(6)</sup> Auto Elétrica e Auto Peças São Luiz, entrevista realizada em 19/07/2014, em Alvorada do Sul-Pr.

<sup>(7)</sup> Casa das Tintas, entrevista realizada em 19/07/2014, em Alvorada do Sul-Pr.

a ser aberto na cidade, então ele teve uma queda nas vendas devido à quantidade de lojas que foram abertas na cidade; mas recentemente ressalta que de modo geral melhorou muito, mesmo assim a loja passou por reforma no último ano e seu estoque foi ampliado, criando assim maiores possibilidades de vendas.

Aconteceram várias transformações no comércio da cidade nos últimos anos, como surgimento de várias novas lojas, de diversos segmentos. Uma delas é a loja de artesanato Artes'Anas<sup>(8)</sup> que está localizada na principal avenida da cidade que concentra 90% da área comercial, e que é uma via de acesso a alguns loteamentos de chácaras do município, se tornando assim um ponto estratégico para os comerciantes. No entanto em entrevista com a proprietária da loja de artesanato afirma que 80% de sua clientela é população local e que apenas 20% são chacareiros, porém ela afirma que esse quadro tende a mudar, pois vem percebendo o aumento gradativo desse público e que vem se adequando a ele. O seu estabelecimento abre de segunda a sexta e aos sábados até ao meio dia, e segundo a proprietária o fluxo de chacareiros aumenta muito em dias ensolarados. Mais uma vez a associação é citada como uma entidade que é desinteressada com os seus princípios e compromissos, deixando a desejar nas promoções e maior divulgação do comércio local. Além de produtos de artesanatos o estabelecimento ainda oferta cursos de pintura em tela, artesanato, crochê entre outros, visando atrair cada vez mais clientes ao seu estabelecimento.

De acordo com a entrevista realizada com o representante da Associação Comercial e Industrial de Alvorada do Sul (ACIAS)<sup>(9)</sup> a cidade se encontra no momento com 40 estabelecimentos comerciais associados, os quais pagam uma mensalidade que é investida justamente nas promoções realizadas pela Associação. A Associação ainda serve para fazer a intermediação entre comerciantes com o SPC – Serviço de Proteção ao Crédito e o Serasa que é o serviço de centralização dos bancos, que informam os clientes e consumidores inadimplentes. A principal promoção realizada pela associação comercial é a do fim de ano, “Promoção de Natal”, que incentiva a população a consumir mais no comércio local, com sorteios de prêmios ao final da promoção, geralmente o prêmio principal é uma motocicleta seguida de vários eletrodomésticos; ainda tem a “Promoção do Dia das Mães” que segue os mesmos padrões, porém em menor escala. Ele diz ainda que no momento

---

<sup>(8)</sup> Artes'Anas, entrevista realizada em 26/07/2014, em Alvorada do Sul-Pr

<sup>(9)</sup> Associação Comercial e Industrial de Alvorada do Sul (ACIAS), entrevista realizada em 26/07/2014, em Alvorada do Sul-Pr.

não existem planos diferenciados para a ACIAS, e que estão planejando os preparativos para a “Promoção de Natal” de 2014. Em relação aos chacareiros, a associação não tem nenhum planejamento específico para esse público, e que estão trabalhando para atender os clientes, independente de onde eles sejam.

O comércio varejista local como já foi mencionado passou por várias transformações, principalmente nos últimos anos, pois terrenos vazios que ainda existiam na principal avenida da cidade deram lugar a novos prédios para a utilização comercial. Houve investimentos imobiliários, já que vários desses imóveis nem sempre são utilizados pelo proprietário, mas sim locados para comerciantes. Nesse sentido até algumas residências foram substituídas por uso comercial. Entretanto as estruturas que predominam são as mais antigas, que passaram por reformas tanto interna quanto externa. As figuras 14 e 15 ilustram o processo, pois se referem a uma mesma localização, que teve suas construções alteradas ao longo dos anos.

**Figura 14:** Supermercado Casa do Povo 1970, Alvorada do Sul-PR.



**Fonte:** Alvo Social, 2014.

**Figura 15:** Supermercado Alvorada, Alvorada do Sul-PR, 2014.



**Fonte:** DIAS, 2014.

Além dos prédios mais antigos que estão sendo adequados a novos padrões e revitalizados, existem também moradores que possuem casas em áreas privilegiadas e que não deixaram de residir-lá, mas na contrapartida construíram prédios comerciais para a locação em frente a sua residência, como o caso da residência destacada na figura 16.

**Figura 16:** Prédio comercial para locação, Alvorada do Sul, 2014.



**Fonte:** Fotografado por Nelson Luiz Soares Mendes, 2014.

Neste local está instalado um sacolão, uma pastelaria e um pequeno salão de beleza, que atende a população local e vem adquirindo a clientela dos chacareiros. Muito dos chacareiros frequentam a cidade todos os finais de semana, e ainda mantém uma boa convivência com os moradores locais. Em entrevista com o chacareiro Sr. Arlindo<sup>(10)</sup> que possui sua residência principal na cidade de Londrina, relata que o principal motivo em escolher Alvorada do Sul-PR para seu lazer é o fato de ter disponível uma represa em que pode pescar, se distrair em um local mais tranquilo. Ele possui uma chácara no Bairro do Ribeirão Vermelho que se localiza a 7 km da cidade, e procura vir para sua chácara todos os finais de semana principalmente no verão e quando as águas da represa se encontram com um bom volume para pesca, assim podendo trazer amigos e familiares para se divertir. O mesmo ressalta que quando comprou a chácara sempre trazia sua comida de Londrina, mas, nos últimos anos não faz mais isso, pois segundo ele a cidade possui bons supermercados, padarias e principalmente açougues onde ele pode comprar carne fresca e linguiça caseira. Ele faz crítica em relação à falta de lanchonetes de boa qualidade, mas elogia restante dizendo que fez bons amigos na cidade. De acordo com o chacareiro o acesso até as chácaras é fácil, mas para ele que conhece o local já há algum tempo, seria viável aumentar a sinalização, ainda diz que sempre utiliza seu carro particular para ter acesso a sua chácara.

Outro chacareiro Sr. Leandro<sup>(11)</sup> que também possui sua principal residência em Londrina diz que o principal motivo da escolha do município de Alvorada do Sul para seu lazer é a pequena distância entre as duas cidades, pois facilita o acesso todos os finais de semana, e frisa a importância do contato com a natureza que ainda resta. Ele é proprietário de uma chácara no loteamento Tucunaré que fica 5 km de distância da cidade em direção a cidade vizinha Primeiro de Maio-PR, e vai todos os finais de semana para a chácara, até mesmo em dias chuvosos. Ele diz que leva alguns alimentos de Londrina, mas os não perecíveis, carne principalmente, de acordo com ele tem seu açougueiro em Alvorada do Sul que garante a melhor carne, proporcionando um bom churrasco a sua família, e ainda ressalta que o comércio local atende suas necessidades; deixa a desejar quando é preciso algo muito específico, mas é raro. O loteamento em que se situa sua chácara possui asfalto até a entrada de sua propriedade o que facilita e muito ao

---

<sup>(10)</sup> Chacareiro Sr. Arlindo, entrevista realizada em 16/08/2014, em Alvorada do Sul-Pr.

<sup>(11)</sup> Chacareiro Sr. Leandro, entrevista realizada em 16/08/2014, em Alvorada do Sul-Pr.

acesso a cidade e comércio, ele também utiliza o veículo próprio para o seu deslocamento e de sua família.

Os chacareiros contam ainda para seu abastecimento, com o comércio informal de produtos produzidos pelos sítiantes como queijo, leite, doces, legumes orgânicos, etc., o que os agrada muito os consumidores, pois em suas cidades esses produtos são mais caros e difíceis de encontrar. No entanto, seria mais viável se houvesse um local apropriado para este comércio, como por exemplo, quiosques ou até mesmo uma feira aos finais de semana para que se formalize a comercialização destes produtos.

Foram verificados alguns problemas que os chacareiros vêm enfrentando nos dois últimos anos (2013-2014). Um deles é a falta de segurança no município e cidade, onde muitas chácaras foram assaltadas frequentemente, o que vem causando medo aos proprietários e a todos que visitam a cidade.

Mas o que preocupa ainda mais é que nada vem sendo feito, pois poucos assaltantes foram detidos, e a cidade conta com apenas uma viatura e dois policiais de plantão, nesse sentido, iniciativas devem ser tomadas pela Prefeitura Municipal para que estes visitantes se sintam seguros ao visitarem a cidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através das pesquisas realizadas, ficou evidente a importância de se estudar as pequenas cidades, pois se configuram em cidades essenciais no contexto do avanço da urbanização brasileira, independente da atividade econômica predominante, sejam elas as básicas ou até mesmo aquelas especializadas.

[...] Discutir a especialização de pequenos núcleos urbanos põe em evidência aspectos de multifacetados processos econômicos sociais, políticos, etc. Como a desconcentração da indústria; a ampliação e diversificação dos complexos agroindustriais e sua articulação com a concentração fundiária, a introdução de novos produtos, a estrutura financeira de controle da produção, a ação do poder público na esfera municipal e suas articulações com outras esferas; processos de acirramento entre o capital e o trabalho, dentre outros. Desta maneira, além de identificar o aparecimento de novas ou expansão de anteriores atividades, busca-se entender os complexos caminhos de sua realização e articulações diversas mediante as especializações produtivas (FRESCA e VEIGA, 2011, p. 388).

A pequena cidade de Alvorada Sul-PR, como a maioria das cidades criadas no Norte do Paraná, teve sua gênese ligada às atividades agropecuárias, a fim de suprir as demandas advindas do campo. Esse processo ainda ocorre na atualidade. Mas, vinculado à agricultura moderna. De modo a atender suas demandas, as pequenas cidades tornaram-se local de presença de mão-de-obra qualificada para atuar nas atividades agrícolas, atividades ofertadoras de comércio diverso, bem como serviços específicos para esta agricultura como bancos, escritórios diversos como de agrônomos a realizarem diversas atividades ao produtor rural, etc. são chamadas de cidades do campo (SANTOS, 1993).

A construção da Usina Hidrelétrica de Capivara e sua represa (1975), transformou boa parte de sua configuração territorial. No início provocou muitos problemas à população, principalmente aquelas que residiam na zona rural, terras mais afetadas pelo represamento das águas da Represa Capivara, fazendo com que vários produtores perdessem boa parte de suas propriedades.

No entanto, em meados da década de 1990, se por um lado o município de Alvorada do Sul caracteriza-se por ter no agronegócio da soja e do milho uma importante atividade econômica, o município passou então a ter um novo potencial,

que são aproveitados por agentes produtores do espaço, que criaram atividades de lazer a partir de loteamentos de chácaras as margens da Represa Capivara.

A partir dos dados e entrevistas realizadas, verificou-se que o lazer através das chácaras, trouxe para a cidade de Alvorada do Sul-PR uma nova dinâmica econômica, que fez emergir uma valorização de imóveis rurais e até mesmo urbanos, criando mais demanda ao setor da construção civil.

Constatou-se ainda que os loteamentos de chácaras criados passaram a ser um complemento econômico de muita importância para o município, passando a fomentar o setor do comércio varejista. Isto porque ocorreu o aumento de pessoas aos finais de semanas e feriados, que visitam suas chácaras de lazer, ou seja, as chamadas segundas residências, se tornando um público essencial no desenvolvimento do varejo local, o qual participa com significativa parcela de geração de empregos no município.

Mas, na medida em que novos loteamentos vêm sendo implantado, o número de pessoas que visitam a cidade aumenta a demanda por prestação de serviços, infraestrutura e até mesmo a procura de novos produtos no comércio também tendem a aumentar. Nesse sentido verificou-se que a cidade apresenta vários problemas em alguns setores como setor hoteleiro e alimentar. Em outras palavras, a cidade não tem nenhum hotel e somente alguns poucos restaurantes, mas com capacidade limitada de atendimento de frequentadores.

Nota-se ainda que a administração pública, que se beneficia em muito com o recebimento de tributos pagos pelos chacareiros, e a Associação Comercial, não oferecem a devida atenção a este potencial econômico da cidade e nem realizam atividades (cursos, parcerias com Sebrae, etc.) que estimule residentes da pequena cidade a iniciarem ou expandirem seus negócios que em parte pode atender demandas dos consumidores locais e das chácaras de lazer.

Os proprietários destas chácaras são de municípios da Região Metropolitana de Londrina – RML, majoritariamente de Londrina-PR. Verifica-se ainda que essa dinâmica é favorecida pela pequena distância entre as duas cidades, que é de aproximadamente de 70 Km.

Para que a cidade continue ofertando serviços e atividades comerciais e que o potencial turístico seja ampliado, serão necessários investimentos públicos, como segurança, melhorias em estradas municipais, preservação das águas da represa; no setor privado investimentos em hotéis, restaurantes, novos comércios, entre

outros. Desta forma o turismo poderá ser mais valorizado enquanto um complemento econômico, que são as chácaras de lazer e ao mesmo tempo pode gerar potencial para que moradores locais possam implantar e expandir atividades diversas.

## BIBLIOGRAFIA

ANTONELLO, Ideni Terezinha e BERNARDES, Jamile Ruthes. A Interface Entre a Implantação De Chácaras para Lazer e a Constituição Do “Novo rural Brasileiro”. **CAMPO-TERRITÓRIO: Revista de Geografia Agrária**, Maringá, v.4, n. 7, p.112-139, fev. 2009.

Agência Estadual De Notícias. ENCONTRO REGIONAL DA SOJA. Paraná, 2005. Disponível em: < <http://www.historico.aen.pr.gov.br>> Acesso em: 07/05/2014.

ASSIS, Lenilton Francisco. Turismo de Segunda Residência: A expressão Espacial do Fenômeno e as Possibilidades de Análise Geográfica. **Revista Território**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 11, 12 e 13 p.107-122, Set. 2003.

ARRUDA, Gilmar. Turismo, natureza e História Ambiental: chácaras de lazer na Represa de Capivara- Pr. **Revista Antíteses**, v.6, n.12, p.293-317, 2013.

ALMEIDA, Adriano Pereira. A Produção Industrial em Pequenas Cidades e Reinserção na Rede Urbana: O Caso de Assaí-PR. ANAIS ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS. Porto Alegre - RS, 2010. Disponível em: <[file:///C:/Users/TEMP.LOJAS.004/Downloads/download\(27\).PDF](file:///C:/Users/TEMP.LOJAS.004/Downloads/download(27).PDF)>. Acesso em: 28/01/2015.

BLUM, Luciane. **Desenvolvimento da atividade comercial varejista: o caso de Londrina**. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) - UFSC, Florianópolis.

BRASIL, Ministério do Trabalho e Emprego, 2012. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/portal-mte/>>. Acesso em: 24/07/2014.

BARROS, Geraldo Santana de Camargo. **Agronegócio Brasileiro: perspectivas, desafios e uma agenda para seu desenvolvimento**. Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz- ESALQ - USP, Piracicaba, 2006. Disponível em: <<http://www.cepea.esalq.usp.br/>>. Acesso em: 08/05/2014.

ALVO SOCIAL, 2014. Disponível em: <<http://www.alvosocial.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 02/09/2014.

CERICATTO, Adriana da Silva, LIMA, Érica Priscilla Carvalho e BATISTA, Henrique Rogê. **A importância da soja para o agronegócio brasileiro: análise sob o enfoque da produção, emprego e exportação** - 2010. Disponível em: <<http://www.apec.unesc.net.>>. Acesso em: 15/07/2014.

CLIPS, Geisa Daisa Gumiero. O comércio e a cidade: novas territorialidades urbanas. **Sociedade e Natureza**. Uberlândia, 16 (30): p.117-131, Jun, 2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br>>. Acesso em: 25/07/2014.

CAMPOS, Margarida Cássia. **A Embrapa/Soja em Londrina-PR: a pesquisa agrícola de um país moderno**. 2010. Tese (Doutorado em Geografia) – UFSC, Florianópolis.

CAMPOS, Margarida Cassia. Modernização da agricultura, expansão da soja no Brasil e as transformações socioespaciais no Paraná. **Revista Geografar**, Curitiba, v.6, n.1, p.161-191, Jun, 2011. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br>>. Acesso em: 10/08/2014.

CORRÊA, Roberto Lobato. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 30, pp. 05 - 12, 2011. Disponível em: <<http://citrus.uspnet.usp.br>>. Acesso em: 07/07/2014.

DUKE ENERGY. Memória Duke. Disponível em: <<http://www.memoriaduke.com.br/Galeria.aspx?menu=0&tema=23v>> Acesso em: 06/08/2014.

ESPÍNDOLA, Carlos José & BASTOS, José Messias. Reestruturação agroindustrial e comercial no Brasil. **Cadernos Geográficos**, Departamento de Geociências – UFSC, Florianópolis, Março, 2005.

EMBRAPA, **Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária**. Disponível em: <[http://www.cnpso.embrapa.br/index.php?op\\_page=2&cod\\_pai=1](http://www.cnpso.embrapa.br/index.php?op_page=2&cod_pai=1)> Acesso em: 01/04/2014

FREDERICO, Samuel. As Cidades do Agronegócio na Fronteira Agrícola Moderna Brasileira. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n.33, v.1, p.5-23, jan./jul.2011. Disponível em: 25/06/2014. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br>>. Acesso em: 23/07/2014.

FRESCA, Tânia Maria. **Transformações da rede urbana do Norte do Paraná: estudo comparativo de três centros**. 2000. Tese (Doutorado em Geografia) - USP, São Paulo.

FRESCA, Tânia Maria. Em Defesa dos Estudos das Cidades Pequenas No Ensino de Geografia. **Geografia**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 27-34, jan./jun. 2001. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/viewFile/10212/9028>>. Acesso em: 29/06/2014.

FRESCA, Tânia Maria. Centros Locais e Pequenas Cidades: Diferenças necessárias. **Revista Mercator**, fortaleza-CE, n° especial, p. 75-81, Dez, 2010. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br>> Acesso em: 27/06/2014.

FRESCA, Tânia Maria e VEIGA, Léia Aparecida. Pequenas Cidades e Especializações funcionais: O caso de Santa Fé-PR. **Soc & Nat**. Uberlândia. 23, n.3, 387-396, Set/Dez, 2011. Disponível em: <[http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/viewFile/12328/pdf\\_1](http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/viewFile/12328/pdf_1)>. Acesso em: 28/01/2015.

FALEIROS, João Paulo Martins. Comércio varejista: Uma análise do comportamento do volume de vendas sob uma perspectiva não linear. **Revista do BNDES**, Brasil, p. 157-182, Dez, 2009. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/>>. Acesso em: 21/08/2014.

GONÇALVES, José Sidnei. Salário, emprego, modernização e sazonalidade na agropecuária: as contradições do processo excludente do desenvolvimento brasileiro. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.26, n.1, p.23-39, jan. 1996.

GONÇALVES, José Sidnei. Financiamento da produção agropecuária e uso de fertilizantes no Brasil, período 1950-2006. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.38, n.9, Set, 2008.

GONÇALVES, José Sidnei. Comércio exterior dos agronegócios brasileiros 1997-2003: crescimento dos saldos comerciais e a agregação de valor. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.35, n.1, p.45-49, Jan, 2005.

GONÇALVES, José Sidnei & SOUZA, Sueli Alves Moreira. Agricultura continental brasileira: reflexão sobre a diversidade de uma totalidade complexa. **Revista Tecnologia & inovação Agropecuária**, São Paulo, p.9-15, Dez, 2008. Disponível em: <[http://www.dge.apta.sp.gov.br/Publicacoes/T&IA2/T&IAv1n2/Artigo\\_Agricultura\\_Continental\\_1.pdf](http://www.dge.apta.sp.gov.br/Publicacoes/T&IA2/T&IAv1n2/Artigo_Agricultura_Continental_1.pdf)>. Acesso em: 10/05/2014.

IBEGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas**. 2012. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=410080&search=parana%2Falvorada-do-sul>> Acesso em 09/09/2014.

IPARDES, **Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social**. 2013. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/>>. Acesso em: 13/09/2014.

LEAL, C. R. A. A. e MARQUES, T. B. Turismo rural: perspectiva de desenvolvimento no sudeste goiano. ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 19, 2009. **Anais**. São Paulo, 2009/p. 1-22.

LOURENÇO, Joaquim Carlos. **A evolução do agronegócio brasileiro no cenário atual**. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/economia-e-financas/a-evolucao-do-agronegocio-brasileiro-no-cenario-atual/24824/>> Acesso em: 01/04/2014.

LARRABURE, Sara Pugliesi. O fenômeno da segunda residência: o caso do rio Grande entre os estados de São Paulo e Minas Gerais. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, Edição Especial, p. 93 - 105, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74144/77787>>. Acesso em: 24/08/2014.

MAIA, Doralice Sátyro. **Cidades pequenas: como defini-las? apontamentos para os estudos sobre as pequenas cidades**. UFPB, 2005. Disponível em: <<file:///C:/Users/TEMP.LOJAS.003/Downloads/CidadesPequenasComoDefinilas.pdf>> . Acesso em: 24/06/2014.

MUNHOS, Paula Daniela. **Sitiantes e chacareiros do ribeirão vermelho, Alvorada do Sul – PR: sociabilidade, disputas e transformações de um bairro rural**. 2007. Dissertação (Mestrado)- UFRJ, Rio de Janeiro.

MACEDO, Luís Carlos. **A prática da responsabilidade social no setor varejista brasileiro**. 2005. Monografia (Especialização)-UFRJ, Rio de Janeiro.

MOREIRA, Orlando Moreira Junior. **A produção do espaço urbano em cidades Pequenas de regiões não metropolitanas: uma reflexão a partir do estudo de caso**. IGCE-UNESP, 2009. Disponível em: <<file:///C:/Users/TEMP.LOJAS.003/Downloads/3624-12650-1-PB.pdf>>. Acesso em: 15/06/2014.

OLIVEIRA, Eduardo de. **A pequena cidade de Elísio Medrado-BA e sua inserção na rede urbana**. 2010. 118 F. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

PARANÁ, Governo Do Estado, Agência de Notícias. **Paraná lidera vendas do comércio varejista no Sul e Sudeste em 2012**. Disponível em: <<http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=69444&tit=Parana-lidera-vendas-do-comercio-varejista-no-Sul-e-Sudeste-em-2012>> Acesso em: 20/05/2014.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SERRA, Elpídio. As cooperativas do agronegócio e suas (novas) características no Paraná. **Geografia** - v. 18, n. 1, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/2508/2265>>. Acesso em: 25/04/2014.

SOUZA, Sidney dos Santos. **Sistemas de informações gerenciais no agronegócio: estudo de caso de aplicação de software em administração rural pelos produtores de grãos do município de Rio Verde–GO**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Fundação Pedro Leopoldo, Pedro Leopoldo-MG.

SOUZA, Marcos Gouvêia. O Varejo Vai à Luta. **Instituto para Desenvolvimento do Varejo**. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.idv.org.br/imprensa-artigo.aspx?IdArtigo=417>> Acesso em: 20/05/2014.

SOUZA, Marcos Gouvêia. A estabilidade do emprego no varejo. **Instituto Para Desenvolvimento do Varejo**. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.idv.org.br/imprensa-artigo.aspx?IdArtigo=413>> Acesso em: 20/05/2014.

SEBRAE, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Estudo de atividade empresarial: comércio varejista da região sul de Palmas-TO**. Palmas, Agosto de 2004. Disponível em: <<http://201.2.114.147/bds/BDS.nsf/69a5e2bb919eaf2e832574b0004bda60/36a6478f998dd9ea03256f6e004fb330?OpenDocument>>. Acesso em: 27/09/2014.

TASCHNER, Gisele B. Lazer, cultura e consumo. **RAE - Revista de administração de empresa**. v. 40, n. 4, p.38-47, Out./Dez, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v40n4/v40n4a04.pdf>>. Acesso em: 09/08/2014.

VARGAS, Helena Comim. Comércios e Serviços Varejistas nos Estudos Urbanos e a Complexidade na Produção do Conhecimento. I COLÓQUIO INTERNACIONAL DE COMÉRCIO E CIDADE: UMA RELAÇÃO DE ORIGEM. FAUSP, São Paulo, março de 2005, p.1-11. Disponível em: <[http://www.fau.usp.br/deprojeto/labcom/produtos/2005\\_vargas\\_comercioservcomplexidade.pdf](http://www.fau.usp.br/deprojeto/labcom/produtos/2005_vargas_comercioservcomplexidade.pdf)>. Acesso em: 02/09/2014.

VEIGA, Léia Aparecida. A re-inserção de Jaguapitã-PR na rede urbana norteparanaense: A produção industrial de mesas para bilhar e as interações espaciais. **Revista UEL Londrina**. v. 19 n. 1, p.131-142, 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/>. Acesso em: 28/01/2015.

X DAL CONSTRUÇÃO E INCORPORAÇÃO. 2014. Disponível em: <<http://xdal.com.br/>>. Acesso em: 01/10/2014.